

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**O SAGRADO NO MUNDO MEGALÍTICO**  
**PARA UMA META-NARRATIVA**

Pedro Nuno Machado da Silva

Dissertação

Mestrado em Museologia e Museografia

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**O SAGRADO NO MUNDO MEGALÍTICO**  
**PARA UMA META-NARRATIVA**

Pedro Nuno Machado da Silva

Dissertação orientada pelos Professores Doutores:

Jorge dos Reis e Luis Jorge Gonçalves

Mestrado em Museologia e Museografia

2014

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus orientadores:

**Prof. Doutor Jorge dos Reis e Prof. Doutor Luís Jorge Gonçalves**

Por tornarem possível o projecto,

**Ao Prof. Doutor Miguel Ramalho**, Director do Museu do LNEG

Pela disponibilidade e simpatia,

**Ao Prof. Doutor António José Coelho**

Pela amizade, pelo constante incentivo e por acreditar,

**Aos meus companheiros da Fundação**

Pela paciência,

**À Patrícia**

Pela revisão do texto,

**A meu Pai,**

Por tudo.

## RESUMO

Partindo da constatação de que não existe no panorama museológico português um enquadramento expositivo – *narrativa* - que se assuma como uma história inteiramente ficcional; partindo ainda do princípio de que a descontextualização do objecto exposto e sua recontextualização numa história é um recurso museológico tão válido como qualquer outro, se se observarem certos princípios, este trabalho pretende constituir essa meta-narrativa: uma peça literária enquanto narrativa museológica. Parte-se de um acervo de Arqueologia Pré-Histórica do Museu do Laboratório Nacional de Energia e Geologia e *transmutam-se* peças seleccionadas em protagonistas de uma história.

O espólio considerado compõe-se de artefactos de mobiliário fúnebre de origem megalítica, maioritariamente de carácter ritual e votivo. Foi a partir dele que se optou, como temática a ilustrar, pelo *Sagrado*, dimensão eminentemente antropológica a-geográfica e atemporal. Por fim conclui-se com a presunção de que esta proposta se possa constituir, não como alternativa à necessária abordagem científica, mas como um complemento museológico, um outro recurso, em museus de Arqueologia e ciências afins e tendo em vista um público heterogéneo.

Palavras-chave: Antropologia; Simbólico; Sagrado; Megalitismo; Calcolítico; Narrativa; Museologia

## ABSTRACT

Starting from the fact that the Portuguese museum panorama lacks a framework of exhibition - *narrative* – which is portrayed as an entirely fictional story; and stemming from the idea that, provided certain principles are observed, the decontextualization of exhibited objects and their recontextualization as part of a story is a museum resource which is as valid as any other, this work seeks to embody this meta-narrative: a literary piece as a museum narrative. It starts with a Prehistoric Archaeology collection from the Museum of the National Laboratory of Energy and Geology - the selected pieces are *transmuted* into the protagonists of a story.

The collection in question comprises articles of megalithic burial furniture, mostly ritual and votive in character. On this basis, the *Sacred* was chosen as the theme to be illustrated, having an eminently anthropological, a-geographical and timeless dimension. Finally we conclude with the presumption that this proposal may be constituted, not only as an alternative to the necessary scientific approach, but as a complement in the museum context, an additional resource, in museums of archaeology and related sciences and with a view to a heterogeneous public.

Key-words: Anthropology; Symbolic, Sacred; Megalithism; Chalcolithic; Narrative; Museology

## **DEDICATÓRIA**

**À memória do meu Avô**

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
ENQUADRAMENTO GERAL .....	10
METODOLOGIA .....	13
QUADRO CONCEPTUAL E MODELO TEÓRICO .....	15
ESTADO DA ARTE .....	16
<b>1. ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA</b> .....	18
1.1 A IMAGÉTICA TRANSCENDENTAL PRÉ-HISTÓRICA .....	18
1.2 RITOS SEPULCRAIS NO UNIVERSO MEGALÍTICO .....	21
1.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIMBÓLICO .....	24
1.4 O SAGRADO .....	27
<b>2. A NARRATIVA MUSEOLÓGICA EM MUSEUS DE ARQUEOLOGIA</b> .....	30
2.1 INTRODUÇÃO .....	31
2.2 MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA .....	32
2.3 MUSEU MONOGRÁFICO DE CONÍMBRIGA .....	32
2.4 MUSEU DE ARTE PRÉ-HISTÓRICA DE MAÇÃO .....	33
<b>3. MUSEU GEOLÓGICO</b> .....	34
3.1 BREVE APONTAMENTO HISTÓRICO .....	35
3.2 A COLECÇÃO DE ARQUEOLOGIA .....	37
3.3 THOLOS DO MONGE .....	39
3.4 PEÇAS INTEGRADAS NA NARRATIVA .....	40
3.5 SOBRE A TIPOLOGIA FUNCIONAL .....	41
<b>3.6 FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS</b> .....	42
<b>4. TEMÁTICAS CENTRAIS</b> .....	49
4.1 O MEGALITISMO FUNERÁRIO .....	49
4.2 O MOBILIÁRIO FÚNEBRE .....	52
4.3 O XAMANISMO .....	53
<b>CONCLUSÃO</b> .....	57
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	61
<b>ANEXOS</b> .....	67

## ÍNDICE DE IMAGENS

**Fig. 1. Reconstituição de enterramento de Homen de Neandertal.** [Acedido em Setembro de 2014]  
<http://archaeoethnologica.blogspot.pt/2011/02/as-mumias-de-escocia.html>

**Fig. 2. Museu Geológico, Lisboa** [Fonte própria]

**Fig. 3. Actividade no Museu do LNEG. A Arqueologia como pretexto para a escultura.** [Acedido em Agosto de 2014]  
<http://fotoarchaeology.blogspot.pt/2011/10/arqueologia-como-pretexto-para.html>

**Figs. 4 a 21. Fotografias das peças da Colecção do Museu Geológico a integrar na Narrativa** [Fonte própria]

**Fig. 22 Ídolos antropomórficos decorados, destacando-se a meio uma *lúnula*.** [Acedido em Agosto de 2014]  
<http://www.celtiberia.net/articulo.asp?id=2943>

**Fig. 23. Xamã siberiano actual num ritual do fogo, na presença de dois assistentes. Tambor decorado com símbolos cósmicos.** [Acedido em Agosto de 2014]  
[https://www.google.pt/search?tbm=isch&q=xam%C3%A3~siberiano+atual&ei=W4IUVaO2IcPbUdTJg9gM#imgdii=&imgrc=1XhCdBfZHKrdfM%253A%3B-gWzqywfZXI-BwM%3Bhttp%253A%252F%252Fseteencantos.no.comunidades.net%252Fimagens%252F17.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fribl939.blogspot.com%252F2014%252F01%252Fxama-siberiano\\_10.html%3B323%3B436](https://www.google.pt/search?tbm=isch&q=xam%C3%A3~siberiano+atual&ei=W4IUVaO2IcPbUdTJg9gM#imgdii=&imgrc=1XhCdBfZHKrdfM%253A%3B-gWzqywfZXI-BwM%3Bhttp%253A%252F%252Fseteencantos.no.comunidades.net%252Fimagens%252F17.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fribl939.blogspot.com%252F2014%252F01%252Fxama-siberiano_10.html%3B323%3B436)

**Fig. 24. Gravura de Xamã maupeche (Chile) debruçado sobre um paciente.** [Acedido em Outubro de 2014]  
<https://ancientamerindia.files.wordpress.com/2013/04/mapuches-5.jpg>

**Figs. 25-28. Vistas parciais dos expositores da Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu do LNEG. Vista parcial de expositor com artefactos exumados em monumentos megalíticos. Reserva visitável ao público (com cerca de 150.000 peças) do Museu Geológico** [Acedido em Julho de 2013]  
<http://www253a%252F%252Falenteverde.blogspot.com%252F2012%252F03%252Fo-museu-geologico.html%3B1600%3B1201>

**Fig. 29. Carlos Ribeiro (1818-1882)** [Acedido em Agosto de 2014].  
[http://www.lneg.pt/CienciaParaTodos/edicoes\\_online/biografias/carlos\\_ribeiro](http://www.lneg.pt/CienciaParaTodos/edicoes_online/biografias/carlos_ribeiro)

**Figs. 30. Caderno de Campo manuscrito do Prof. Carlos Ribeiro** [Acedido em Agosto de 2014]  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702013000300865](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000300865)  
[https://www.google.pt/search?tbm=isch&q=carlos+ribeiro+arqueologo&ei=cYMUVff2E1jbU-OFhKgK#tbm=isch&tbs=rimg%3ACSI8-dIMWivoIjilKLtJknWxGbOAXjSAj2LcIVxvumigoaV48r4\\_1FtlqZVGF5-3KAi-1X1\\_1Rizvn1Z7sWIIc-aP0CoSCeUou0mSdbEZESHqEV032jGBKhIJs4BeNICPYtwRZjK3MhSS1PEqEgkhXG-6aKChpRGU1WUdvXOkbyoSCXjyv8W2WqVEfsTth2MoaYCKhJIUYXn7coCL4RoeyEHXEmedeoqEgnVfX9GLO-fVhFbJ5SADTwRjCoSCXuxaWUL5o\\_1QEeq\\_1v3XG5ht-&q=carlos%20ribeiro%20arqueologo&imgdii=5Si7SZJ1sR18DM%3A%3BKXz50gxaK-j2HM%3B5Si7SZJ1sR18DM%3A&imgrc=5Si7SZJ1sR18DM%253A%3BleoRXTfaMYE37M%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.lneg.pt%252Fdownload%252F3360%252Fcarlos\\_ribeiro.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.lneg.pt%252FCienciaParaTodos%252Fedicoes\\_online%252Fdiversos%252Fcartas%252Ftexto%3B100%3B137](https://www.google.pt/search?tbm=isch&q=carlos+ribeiro+arqueologo&ei=cYMUVff2E1jbU-OFhKgK#tbm=isch&tbs=rimg%3ACSI8-dIMWivoIjilKLtJknWxGbOAXjSAj2LcIVxvumigoaV48r4_1FtlqZVGF5-3KAi-1X1_1Rizvn1Z7sWIIc-aP0CoSCeUou0mSdbEZESHqEV032jGBKhIJs4BeNICPYtwRZjK3MhSS1PEqEgkhXG-6aKChpRGU1WUdvXOkbyoSCXjyv8W2WqVEfsTth2MoaYCKhJIUYXn7coCL4RoeyEHXEmedeoqEgnVfX9GLO-fVhFbJ5SADTwRjCoSCXuxaWUL5o_1QEeq_1v3XG5ht-&q=carlos%20ribeiro%20arqueologo&imgdii=5Si7SZJ1sR18DM%3A%3BKXz50gxaK-j2HM%3B5Si7SZJ1sR18DM%3A&imgrc=5Si7SZJ1sR18DM%253A%3BleoRXTfaMYE37M%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.lneg.pt%252Fdownload%252F3360%252Fcarlos_ribeiro.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.lneg.pt%252FCienciaParaTodos%252Fedicoes_online%252Fdiversos%252Fcartas%252Ftexto%3B100%3B137)

**Fig. 31. Museu de Mação (artigo no *Diário dos Açores*)** [Acedido em Agosto de 2014]  
[http://www.museuarqueologia.pt/images/2009.11.10\\_Diario\\_dos\\_Acres\\_pag\\_12\\_m.jpg](http://www.museuarqueologia.pt/images/2009.11.10_Diario_dos_Acres_pag_12_m.jpg)  
<http://www.museuarqueologia.pt/faqs/2013/08/09/baitogogo-by-henrique-oliveira-at-palais-de-tokyo/>

**Fig. 32. Museu Quai Branly. Exposição sobre Claude Lévi-Strauss.** [Acedido em Outubro de 2014]  
<http://perso.mediaserv.net/alimanen/PC/ABA/Expos/ExpoLeviStrauss.html>

**Fig. 33. Palais de Tóquio, Japão. Exposição inspirada na obra de Lévi-Strauss: *O Cru e o Cozinhado*.** [Acedido em Outubro de 2014] <http://www.dezeen.com/2013/08/09/baitogogo-by-henrique-oliveira-at-palais-de-tokyo/>

**Fig.34. Monumento megalítico, de uma série de desenhos, *blog: Capilé*.** [Acedido em Outubro de 2014]  
[http://capilecomsoda.blogspot.com/2010/10/01\\_archive.html](http://capilecomsoda.blogspot.com/2010/10/01_archive.html)

**Fig. 35 . Ídolos calcolíticos.** [Acedido em Julho de 2013]  
[http://sibulquez.blogspot.com/2013/10/25\\_fidosos-calcoliticos-de-el-atalayon.html](http://sibulquez.blogspot.com/2013/10/25_fidosos-calcoliticos-de-el-atalayon.html)

**Fig. 36. *Um dia na Pré-História (há 5000 anos)*. Actividade do Museu Arqueológico de Portimão.** [Acedido em Agosto de 2014]  
<http://www.sulinformacao.pt/2014/03/museu-de-portimao-convida-%2525E2%252580%25259Cvamos-trabalhar-numa-horta-pre-historica%2525E2%252580%25259D%252F%3B470%3B705>

**Fig. 37. Xamã. Museu do Quai Branly, Paris. Exposição: *Mestres da Desordem*.** [Acedido em Julho de 2013].  
<http://veja.abril.com.br/multimedia/galeria-fotos/mestres-da-desordem-2012>

**Fig. 38 Xamã da Manchúria, de 1928. Trabalho de Bin Garten. Museu Ubersee.** [Acedido em Julho de 2013]  
<http://fogumexubaraxoroque.no.comunidades.net/index.php/pagina/253D1171381053>

**Fig. 39. *Ensaio Mulher Yanomami*. Claudia Andujar. Exposição: *Imigração helvética no Brasil*, S. Paulo, 2003..** [Acedido em Julho de 2013]  
<http://www.swissinfo.ch/por/imagens-da-imigra%C3%A7%C3%A3o-su%C3%AD%C3%A7a-ao-brasil/15344000>

**Fig. 40. *Canto dos Xamãs*, *blog*** [Acedido em Julho de 2013]  
<http://www.xamanismoancestral.com.br/xamanismo.html>

**Fig. 41. *Canto dos Xamãs*, *blog*** [Acedido em Julho de 2013]  
<http://www.cantodosxamas.com.br/>

**Fig. 42. Características da cultura xamânica** [Acedido em Agosto de 2014]  
[http://joyasecovilla.blogspot.com/2011/10/25\\_caracteristicas-de-la-cultura.html](http://joyasecovilla.blogspot.com/2011/10/25_caracteristicas-de-la-cultura.html)

**Figs. 43. Monumento Megalítico *Tholos do Monge*.** [Acedido em Julho de 2013]  
<http://www.panoramio.com/user/6471813/tags/Monge%3B500%3B312>

**Fig. 44. Mapa Cartográfico do Exército (1:25000; nº 415;416;429)** [Acedido em 2010]

*Au-delà des apparences, allons chercher la joi, le sens caché et sacré  
de tout ce qui est dans cette terre enchenterrese et terrible...*

J. Chevalier

*É necessário que haja na representação o recesso  
sempre possível da imaginação.*

Michel Foucault

# INTRODUÇÃO

## ENQUADRAMENTO GERAL

O objectivo deste trabalho é a elaboração de uma narrativa museológica, porém diferente da dos moldes clássicos. Trata-se de um *conto*, um conto que se assume como inteiramente ficcional; e, portanto, de uma meta-narrativa, isto é, uma narrativa ficcional como narrativa museológica. De facto, como nota Luis J. Gonçalves a propósito do papel da narrativa na génese da «criatividade simbólica activa», hoje, sobre qualquer suporte, tal como para o primeiro homem, junto ao fogo, «o mais importante é uma boa história». (GONÇALVES, 1998)

Através do facilitamento da exposição com o universo vivencial do visitante, por analogia e empatia temáticas, o binómio conto-peças propõe-se promover a reflexão sobre o Homem intemporal, enquanto productor, usufruidor e produto da sua relação com a matéria, a memória, os ritmos, o gesto, a linguagem, o Sagrado, a Religião; no fundo, a dicotomia incontornável e perene do Sagrado e do profano.

O trabalho incidirá sobre um acervo selecionado de entre a Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu do Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Tem, como objectos, artefactos rituais, votivos e quotidianos das épocas pré e proto-históricas (Neolítico Médio – Calcolítico), exumadas pelos cientistas desta Instituição em território nacional.

Ao mesmo tempo, a um nível mais pessoal, gosto de ver neste trabalho um modesto tributo a uma geração de percussores do mais profícuo e dedicado trabalho científico e ainda ao Museu, ele próprio, cujo valor é tantas vezes menosprezado, nesta vora-gem da museologia *franshising* e museografia cibernética. De facto, subir a escadaria da Antiga Academia das Ciências situada no Convento de Jesus e espriar o olhar pela imensa sala de mobiliário quase centenário e luz maioritariamente zenital, albergando as mais de cento e cinquenta mil peças arqueológicas exumadas pelos cientistas pioneiros das *Comissões Geológicas do Reino*, foi para mim uma experiência de circunspecção e assombro.

A minha formação de base enformou a minha inquietação e perspectiva: *O que é que um antropólogo poderá fazer com isto? Ou melhor: O que é que esta colecção poderá dizer a um dado público através do olhar de um antropólogo?*

Expôr e comunicar uma parte deste acervo de acordo com uma narrativa, e com uma narrativa radicalmente diversa da museologia do objecto (da tipologia, da cronogeografia), integrando as peças numa simbólica, foi tomando forma no meu espírito. De facto, trata-se de uma secção subsidiária do Museu em que, como o nome *Colecção Visitável* (na actual nomenclatura legislativa) indica, o material, quase em bruto, apresenta um enorme potencial, permitindo, assim, um grande leque de abordagens. Uma leitura mais atenta lança-me o desafio: Por que não contar uma *história?*, fazer de uma *narrativa-conto* a narrativa museológica expositiva? Quem e como eram estas personagens por detrás dos objectos, no irreductível à recensão das ciências históricas e arqueológicas? Por último, esta estratégia comunicacional afigurou-se-me interessante como contraponto ao panorama museal da Arqueologia Pré-Histórica atrás descrito.

Partimos da hipótese de que a descontextualização voluntária do objecto museal e sua recontextualização numa narrativa – *a meta-narrativa* – é uma estratégia museológica tão válida como qualquer outro recurso museológico e expositivo.

Como pergunta hipotética, pretendemos saber se esta proposta dará lugar a um *aport* novo em termos de abordagens no panorama da museologia pré-histórica e arqueológica e a uma interacção enriquecedora destes dados com a narrativa museológica pretendida; e ainda se tal não resultará num discurso híbrido, mas num meta-diálogo criativo que possa corresponder, de modo complementar a outros discursos, às expectativas de um público heterogéneo e não-especialista.

Antropologicamente, parto da concepção de Ernest Cassirer (bem resumida por Augusto Mesquitela-Lima) que designa o Homem por «animal simbolicum» (MESQUITELA-LIMA, 1983: 26), isto é, capaz de significar, de atribuir sentido, conceber abstractamente e ter consciência da sua própria finitude, quiçá do além. Esta sua faculdade apresenta pontos de contacto com a teoria da *complexidade humana*, na obra de referência de Edgar Morin<sup>1</sup>, em que o autor se debruça sobre a evolução bio-sócio-cultural do Homem, sem descurar o tema do Sagrado.

Acontece que estamos a lidar, na tipologia de Mesquitela-Lima, com «artefactos», «mentefactos» e «sociofactos» (MESQUITELA-LIMA, 1983: 14), - de que nos chegam

---

<sup>1</sup> Tema central de Edgar Morin na obra: *O Paradigma Perdido: a natureza humana*. (1973). V. Bibliografia.

os vestígios materiais, por vezes esparços, truncados e fragmentários - isto é, obras do Homem, e, portanto, passíveis de se converterem em objecto museal, se trabalhados, fazendo apelo aos patrimónios, tanto material, como imaterial.

Marcel Mauss, em *Ensaio sobre a Dádiva*, já em 1922 introduzia o conceito de «factos sociais totais», ou seja, dados culturais que, pela pluralidade simbólica numa cultura dada, apelam a uma panóplia de dimensões, pelo que, na sua interpretação, se tornam irreductíveis a perspectivas disciplinares unas. (MAUSS, 1960)

Penso que isto tem implicações nas narrativas museológicas e soluções museográficas, cujos museus versem, por vocação, as Humanidades e, no caso vertente, a Arqueologia Pré-Histórica (baseada, ou não, na controversa Etno-Arqueologia). A contextualização na museologia já existe, é certo, e através de variadas soluções, da simples legendagem minimalista, ao mundo interactivo. O repto está pois, para lá desta contextualização que informa o visitante.

O que se pretende é que, neste tipo de museus, o público tenha ao seu dispor uma multiplicidade de leituras, em vez do interessante, mas confinante, discurso uni/transdisciplinar já acabado e que, tal como um filme feito a partir de uma obra literária, constitui apenas a visão da obra por parte do realizador. É claro que há opções a assumir e subjectividades inevitáveis dos museólogos/conservadores (excluo aqui os comissários de exposições temáticas muito específicas). Mas deve deixar-se aos públicos a oportunidade de optarem, e não o inverso.

Posto isto, é lícito colocar este projecto em forma pergunta: Por que é que, num Museu de Arqueologia Pré-Histórica, uma das dimensões do discurso narrativo proposto, não há-de ser uma narrativa literária?

## METODOLOGIA

Para a prossecução deste trabalho, adoptámos as fontes a seguir se apresentam:

Documentação do Museu do Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG) (não existem fichas de inventário desta colecção na Instituição); publicações e catálogos;

Bibliografia geral e específica, com destaque para a de Arqueologia e Antropologia;

Estudo presencial em Museus, em especial o do Museu do LNEG, mas ainda o Museu Nacional de Arqueologia, o Museu Etnográfico, o Museu de Mação, o Museu de Conímbriga e o Museu de Mértola;

Entrevistas (exploratória e centradas) ao Director do Museu do LNEG; entrevista livre ao director do Museu de Mação e questionários não presenciais aos directores e responsáveis pelas secções de Arqueologia dos restantes museus atrás citados;

Consulta de documentação no Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR).

Tentei saber, sobretudo: *Qual o destaque atribuído à temática do Sagrado no discurso museológico?*

No entanto, pelas características do trabalho – a construção de uma narrativa - trata-se de uma metodologia qualitativa. O argumento desta meta-narrativa será função dos conteúdos a ilustrar e estes, por sua vez, pelas peças mais representativas do acervo, tendo em conta essencialmente a sua funcionalidade original e segundo um critério, para todos os efeitos, subjectivo; trata-se, portanto, de uma atitude indutiva, este percurso do objecto ao conto.

Parto de um tratamento científico dado, concreto – com a particularidade vantajosa da sua não contextualização (nos moldes em que hoje a conhecemos), de acordo com a museologia oitocentista - e proponho, em lugar dele, um discurso radicalmente oposto, isto é, não técnico-científico. Da simples legendagem sumária, salto as etapas e objectivos da Museologia convencional, rejeitando essa direcção e pretendendo chegar ao domínio da imaginação pura, neste caso, a ficção. Evidentemente não é um trabalho científico, não prescinde da Ciência, nomeadamente da Antropologia e da Arqueologia, mas as peças, não sendo objecto de uma reconstituição científica, terão ‘apenas’ um enquadramento narrativo, tendo por critério e princípio orientador as balizas do do pos-

sível. Em todo o caso, basear-me-ei em autores de referência, se bem que preenchendo com a liberdade da imaginação alguns vazios de interpretação, mas, mais geralmente, propostas de caminhos alternativos. Re-contextualizarei ainda dados objectivos (por vezes cronológica e/ou geograficamente) tendo em vista um cenário idealizado e mais *rico*, tal como explanarei mais adiante.

Tendo em conta o objectivo e características do trabalho, particularmente o peso da subjectividade e da intuição, as etapas da sua elaboração são relativamente reduzidas e, a despeito da investigação necessária, são simples:

De acordo com a informação disponibilizada sobre cada peça – principalmente a função e a proveniência – (e ainda, da minha formação e interesses) chego uma temática: o *Sagrado no mundo megalítico*; com este critério, elejo um conjunto provisório de peças;

Num segundo momento, procedo à investigação:

- Das peças;
- Dos temas gerais: Antropologia do Simbólico; Arqueologia da Morte Sagrado-Profano;
- Dos temas particulares: Megalitismo Funerário; Calcolítico; Xamanismo; e o local e data da Narrativa;

Em terceiro lugar, reajusto a colecção de peças, de acordo com a investigação;

Num quarto momento, uso um critério museológico: Que peças serão mais susceptíveis de suscitar um interesse de um público/leitor?, e que público?;

Tendo em conta o ponto anterior, faço uma última depuração da minha colecção.

Finalmente (e de acordo com o exposto no capítulo Introdução), opto pela *Novela*, enquanto narrativa museológica.

Portanto, este processo foi entretido de subjectividade e feito de balanços; do equilíbrio entre estas etapas, da interacção - que não se mistura, nem se confunde, mas se complementa – entre a parte científica e a parte literária-ficcional.

## QUADRO CONCEPTUAL E MODELO TEÓRICO

Embora este trabalho trate da concepção de uma narrativa ficcional, é importante balizá-la conceptualmente dentro de certos parâmetros. Tais parâmetros, embora não a transformem, por opção, num relato científico, é importante, contudo, que lhe atribuam, a estrutura da verosimilhança e coerência internas.

Assim, em termos teóricos basear-me-ei no quadro conceptual da Paleoantropologia Cultural<sup>2</sup>, paradigma e perspectivação na qual, mais além da transdisciplinaridade, se podem, a meu ver, quase fundir, estas perspectivas científicas de encarar o ser presente e o ser passado: a Antropologia Hermenêutica/Interpretativa e a Arqueologia Pós-Processual/Simbólica (ambas bebem, aliás, da Antropologia Estrutural e do relativismo). Portanto, no geral, as invariantes psíquico-mentais finitas na origem da multiplicidade das manifestações culturais observáveis no tempo e no espaço, a hierarquia dos símbolos, o dado arqueológico enquadrado na teia de significados veiculados pela sua qualidade de simbólica, a metáfora da sociedade enquanto texto (de meta-texto para o cientista/observador).

Como autores de referência privilegiarei: C. Lévi-Strauss (*Simbólico, Mito, Rito*), M. Eliade (*Sagrado, Religião*), E. Morim (*Hominização*), R. Barthes (*Narrativa*), Ian Hodder (*Arqueologia Interpretativa*), M. Foucauld (*Semiologia*), V. Propp (*Conto*), A. Leroi-Gourhan (*Linguagem, Técnica, Religião*), C. Geertz (*Antropologia Simbólica*), E. Cassirer (*Teoria Simbólica da Cultura*), V. Oliveira Jorge (*Arqueologia, Pré-História, Paleoantropologia Cultural, Megalitismo*) e V. Gonçalves (*Neolítico, Calcolítico*).

Neste trabalho recorrerei a conceitos gerais operacionalizados na narrativa e que divido da seguinte forma: para a estrutura do conto, a *Linguagem*, a *Semiologia* e a *Narrativa*; e para o enquadramento temático, a *Cultura*, o *Simbólico*, o *Sagrado* e o *profano*. Quanto às temáticas específicas da narrativa-conto destacarei, em sentido lato, o *culto dos mortos* e o *Xamanismo*.

À Ciência cabe analisar, teorizar, prever (como à Filosofia, elaborar conceitos, à Teologia, fundamentar dogmas, à Arte, em geral, proporcionar a fruição...); ao Museu, ilustrar e integrar tudo isto, através da magia e da interrogação; mas por parte de todos os seus actores – museólogos, museógrafos, público – apelar também à imaginação.

---

<sup>2</sup> A Paleoantropologia Cultural foi uma disciplina científica teorizada por Victor Oliveira Jorge nos anos Setenta e a que dedicou diversas obras e artigos. V. Bibliografia.

Sem esta dimensão, expectável por ambos os lados, quer o projecto, quer a visita não estão cabalmente conseguidos.

## ESTADO DA ARTE

A ficção literária, baseada na Ciência (no caso a Arqueologia) não deve confundir-se com o género *ficção científica*. É, decerto, um discurso imaginário, mas que pode até ser contraditório a tais factos e princípios e que, embora baseado em dados reais, a plausibilidade baseada na Ciência não é um dos requisitos obrigatórios.

A literatura sobre o final da Pré-História esgota-se entre o discurso académico, hermético e necessariamente especializado, alguns livros e capítulos de divulgação científica, a ilustração didático-juvenil e a efabulação megalítica *New-Age*. O panorama museológico português reflecte, compreensível e até meritoriamente este estado de coisas. É o que Zapatero chama a «Arqueologia em versões académicas, divulgativas [mas também] esotéricas e fantasiosa» (ZAPATERO, 2012: 37), que extravasam, aliás, a literatura e o museu. Na verdade um texto não é sempre escrito, e considero, pois, o Museu como um suporte comunicativo de um qualquer texto.

É, parcialmente, o que acontece em discursos museológicos que sendo de certa forma híbridos, oferecem diferentes narrativas, tendo em conta o público infantil e juvenil. São o caso, por exemplo dos excelentes museus de Arqueologia de Mértola, com os seus filmes projectados no interior de uma *gruta*, do Côa Parque, com os filmes animados, seguidos de actividades pedagógicas, e ainda os dos museus do Sagrado, de Mação e o de Arqueologia, de Portimão, onde são narradas histórias pelos seus técnicos.

Contudo não existe uma proposta narrativa consistente que se assuma como inteiramente ficcional. E no entanto, um pouco *a contrarium*, cabe-me destacar dois autores, alheios à Museologia, cujas obras de algum modo me influenciaram neste trabalho, quer pelas teses sólidas, arrojadas e incómodas apresentadas, quer, sobretudo, por todo o potencial que encerram em desejáveis transposições para o Museu, e que, em minha opinião, permitiriam sedutoramente a história e a viagem subjectiva mais livres: Lewis-Williams, num livro: *The Mind In The Cave*, de recensão bibliográfica muito vasta e actualizada, que foca o papel central da cultura xamânica na elaboração das pinturas rupestres do Paleolítico Superior; e Jacques Cauvin, no livro: *Nascimento das Divindades, Nascimento da Agricultura*, onde o autor, com grande rigor intelectual e através de

uma profusão impressionante de dados arqueológicos, destaca (quicá de modo definitivo) a dimensão simbólica como motor das mudanças estruturais do Neolítico.

Vale a pena referir, para terminar, o que escreveu o director artístico do Museu Colecção Berardo na Exposição: *O Narrador Relutante*:

A narrativa aqui significa sobretudo ficção, entendida como processo de conjectura sobre as possibilidades do real e das suas legibilidades, apropriações e interpretações. A ficção emerge (...) como uma estratégia de configuração da mutabilidade das realidades e da sua contínua sobreposição. (LAPA, 2014)

# 1. ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA

Para a prossecução do meu objectivo é importante apresentar, de modo resumido, algumas temáticas antropológicas intimamente relacionadas com o modo como concebo e enquadro a minha narrativa – enquanto discurso museológico, peça literária e leitura das peças arqueológicas que elegi e que são, por assim dizer, as protagonistas do conto.

Antropologia, Arqueologia e Museologia, são disciplinas técnicas, mas também são Ciências Sociais e Humanas. Não caberia neste trabalho avaliar todas as suas relações. Em todo o caso, julgo importante referir alguns pontos de contacto, sempre que tal ajude a compreender as minhas opções, o quadro conceptual adoptado e a minha própria visão da Museologia.

## 1.1 A IMAGÉTICA TRANSCENDENTAL PRÉ-HISTÓRICA

Sem pretender fazer aqui uma recensão crítica das abordagens pré-históricas sobre a morte ou mesmo dos problemas teóricos levantados pela Arqueologia da Morte, importa notar que a morte é, desde sempre, um tema privilegiado na Arqueologia. Mesmo antes de se constituir como disciplina científica, os espólios mortuários apaixonavam os pioneiros arqueólogos das Civilizações Clássicas e Pré-Clássicas. Por seu turno, o Sagrado e o religioso eram também objecto do Museológico, desde os santuários gregos, ao mobiliário fúnebre do Antigo Egipto, aos ex-votos que, tal como actualmente, podem tomar a forma de variados objectos. No entanto, não é se não aquando do encontro da Arqueologia com a Antropologia, no movimento *Nova Arqueologia* dos anos 60' e 70', que ela detém a sua atenção nas práticas mortuárias, em si próprias. A Arqueologia Pós-Processual perde, neste domínio, uma oportunidade de se afirmar como uma proposta neutra de leitura contextual simbólica ao aventurar-se em considerações ideológicas e de que não saiu isento também o Estruturalismo. Mas não se trata tanto de ambiguidade, mas sim de opção, de leituras possíveis. A montante das interpretações focadas nas estruturas sociais e económicas, a 'manipulação dos mecanismos ideológicos' e dos meios de produção, a 'reprodução social'. (SERRANO, 2012: 8) As questões da igualdade

*versus* a exploração do homem pelo homem... é o carácter ritual das práticas funerárias pré-históricas, suas simbologias e representações que me interessam e se inserem, até por definição, numa Paleoantropologia Cultural (JORGE, 1997), enquanto perspectiva mais holística do Homem passado, da sua diversidade e unicidade, do que a multiplicidade das arqueologias.

O termo *Arqueologia da Morte* não é consensual em Arqueologia. Um recente congresso de Arqueologia, por exemplo, reserva para esta temática o epíteto mais modesto e pragmático de *Arqueologia das práticas mortuárias*<sup>3</sup>. Penso, no entanto, que a Arqueologia, enquanto ciência do comportamento, mas também da vida, não deve ter pejo em encarar a *morte*. Destaco, porém, M. Pearson, pela seriedade, assumpção do paralelo etnográfico e preocupação simbólica, transcendendo a Etno-Arqueologia, numa atitude contra-corrente, nomeadamente em *Learning from the dead*:

Interpretation draws on theory – our rationalizations of our experiences in the world – in order to make sense how and why people of the past treated their dead, disposed of their remains, and provide ways for the dead to co-exist with the living. (PEARSON, 1999:20)

Mas, prudentemente:

Analogies between ethnographic and archaeological data should be judged by the degree of congruence and compatibility between relevant aspects of those societies past and present. (PEARSON, 1999:20)

No célebre adágio de Heidegger, somos *seres para a morte*; somos os únicos seres com a percepção da sua própria finitude. Curiosamente (a ciência é profícua nestes aparentes paradoxos), um museólogo, Luís Lobo, resumiu muito bem esta condição: a propósito de um interessantíssimo paralelo entre o monumento megalítico e o Museu, parte da definição da nossa espécie como ser de Cultura, cujo primeiro fruto da aprendizagem colectiva seria a própria noção do tempo e, logo, da morte, da eternidade, da preservação e da memória. (LOBO, 2012: 75) Este facto não é despiciendo para qualquer sociedade humana, histórica ou geograficamente considerada. Será que, no breve período da vida humana, a impregnemos de uma multiplicidade de complexas significações que transcendam em muito as nossas acções quotidianas? Segundo Lévi-Strauss, trata-se de uma pergunta retórica, uma vez que a Antropologia Estrutural vê a Cultura como um

---

<sup>3</sup> II Congresso Arqueológico dedicado a esta temática, Évora, Maio de 2013.

super-sistema de símbolos, ou, de acordo com Mesquitela Lima (seu discípulo), uma *Simbólica*. E o além?

Não nos demoremos nos significados da morte. Frisemos apenas que jamais é encarada como um fim em si, mas que abre acesso a um reino outro, do(s) espírito(s) e à verdadeira vida, para as *Religiões do Livro*. Na simbólica iniciática ritual, em sociedades ágrafas ou urbanas, modernas, abre também acesso a uma vida *superior*, porque sapiente.

Do ponto de vista da Antropologia clássica, o rito é a representação de crenças mágicas, um acto eminentemente religioso, simbólico, que visa fazer reviver os mitos por parte de uma colectividade, fazendo-a participar no divino.

Mas, esta perspectiva é ainda demasiadamente lata para nos ater. O que nos importa são as práticas funerárias, o ritual específico do culto dos mortos, integrado nos designados *ritos de passagem* e de *iniciação* e a manipulação simbólica de objectos a eles associado. Por outro lado, dificilmente algo, de entre os vestígios materiais, fará sentido, se não tentar alcançar, com seriedade, mas arrojo, o imaterial do além-túmulo, as representações, as percepções, as projecções dos vivos.

É comum encontrar estes dois tipos de comportamentos interligados ao culto dos mortos desde os primórdios da Etnografia europeia e norte-americana. É ainda possível detectar nas modernas sociedades contemporâneas os resquícios desse denominador comum (ou, para descartar o paradigma evolucionista, as mesmas preocupações), principalmente nos sacramentos religiosos.

Ao retornarmos à expressão *ritos de passagem*, queremos enfatizar o facto inelutável de a morte significar a brutalidade inevitável do desaparecimento de entre o seio do grupo e o não-retorno. Por outro lado, este acontecimento reveste-se sempre de uma aura radicalmente ambivalente. O defunto, natural ou sobrenatural, sobre-humano ou infra-humano, benfazejo ou malfazejo, participa sempre de um destino: poderoso / divinizado, ou submisso / penalizado. Tal é a polaridade simbólica atribuída ao desconhecido (tal como a escuridão e a loucura), à inexistência, à finitude de uma condição e, quiçá, à sua ultrapassagem.

Será essa consciência ancestral do reino da morte, esse sentimento ambivalente e simbolicamente investido, a origem das inumações?

Como já Durkheim fazia notar, nas mentes dos nossos antepassados (por extrapolação etnográfica), a morte constituía uma continuidade da vida, qual etapa invisível do ciclo vital animista. (DURKHEIM, 1992)

Mais prudentemente, o que a Paleoantropologia parece afirmar é, de modo muito geral, a existência de práticas rituais propiciatórias destinadas aos espíritos ancestrais para a protecção e prosperidade dos vivos, do grupo. Inclui-se aqui, aquando da agricultura, das colheitas e da fertilidade em geral (não descurando a das mulheres, num paralelo óbvio). Ora, tanto quanto alcançam a experiência antropológica e histórica, nenhuma sociedade humana (e em alguns casos de entre outros animais) deixa de submeter os seus defuntos a atenções particulares (incluindo a monumentalidade) e cuja finalidade poderá bem ser, antes do mais, de cariz tranquilizador. E, no caso da nossa subespécie, tais cuidados estarão recheados desta dimensão de significação não-imediata, não estritamente funcional.

Como em qualquer comportamento ou objecto (animado, inanimado ou artefactual), mentefacto ou sociofacto de carácter simbólico, ele não se descodifica nem se reporta a uma realidade outra como mero signo significante, isto é, de modo directo e imediato. Tal como nos propõem a Linguística, a Antropologia Estrutural e a Etno-Psicanálise, antes se interpretam, de acordo com regras próprias, num conjunto estruturado e estruturante, que continuam a pôr à prova os limites da Arqueologia. Aliás, como bem observa Pedro Paulo Funari:

um aspecto antropológico de particular ressonância para o estudo dos vestígios materiais, consiste no seu carácter narrativo, semiótico, comunicativo, da vida em sociedade. (FUNARI, 2011: 359)

É nesta acepção que objectos rituais e votivos e/ou alaias litúrgicas ganham significação, para além de qualquer imediatismo. Museologicamente considerados, transcendendo o valor enciclopédico e descritivo, a tipologia formal (morfológica), ou ainda a bizzarria que vê o nosso ancestral como mais bruto que um paquiderme actual (que, como sabemos, compromete a chegada aos seus recursos vitais para velar os seus mortos).

É o acervo, assim contextualizado, que subjaz e pontua a minha narrativa.

## 1.2. RITOS SEPULCRAIS NO UNIVERSO MEGALÍTICO

*Se atendermos só ao que lá está, em cada local, não vemos o mais importante, porque estamos a observar restos mínimos do que existiu – o mais importante é o que não está lá, precisamente, é o que temos de imaginar. (AA.VV, 2003: 56)*

Vale a pena recordar a época em que o vestígio pré-histórico e que, no que toca ao megalitismo nacional, não era ainda reconhecido como tal. No sec XVI Frei Bernardo de Brito, preocupado em demonstrar à realeza os pergaminhos do território português, identificava os monumentos como ‘altares pagãos’, mas, mesmo assim, cedendo ao sincretismo cristão, recolhiam-se zelosamente as peças encontradas no seu interior como relíquias de santos, como era apanágio, aliás, do colecionismo. As relíquias, por seu turno, como é da Antropologia e da Fé, são o receptáculo do Sagrado.

O estudo comparado das práticas funerárias fá-las remontar às sociedades arcaicas do Paleolítico Médio, Musteriense. É desde há muito evidente na Arqueologia Pré-Histórica que algumas comunidades neandertalenses de há perto de 300 mil anos concediam particular atenção aos seus mortos, sepultando-os ocasionalmente em deposições específicas, rodeando-os de objectos e cobrindo as tumbas com algumas lousas. Vejamos como Garcia Sanjuán considera a «ideologia funerária»:

conjunto de noções simbólicas que articulam as relações entre os vivos e os mortos (ancestrais) através de práticas e rituais centradas no tratamento dos cadáveres (escatologia), incorporam uma importante dimensão material. (SANJUÁN, 2008: 36)

Se «o Homem ritualiza, significa o mundo», postula, resumindo, o etnógrafo e catedrático em Antropologia, Mesquitela Lima (MESQUITELA-LIMA, 1983: 34), a moderna Psicologia Social tem também uma palavra a dizer sobre a relação dos «actos de significado» com a *narrativa cultural*; Nas palavras de Bruner:

[A atribuição de] significados através da mediação da interpretação narrativa é uma das realizações máximas do desenvolvimento humano nos sentidos ontogenético, cultural e filogenético da expressão. Na perspectiva cultural é imensamente suportado por recursos narrativos armazenados por uma comunidade e, igualmente, pela sua preciosa panóplia de técnicas interpretativas. (BRUNER, 1990:75)

Tal como mostram a Antropologia e a Arqueologia, o tratamento e o culto dos mortos é uma prática quase universal da conduta humana e evidentemente coadjuvada

por uma parafernália de alfaías. O mesmo autor prossegue enfatizando que esta ideologia nas sociedades ágrafas significa (para além das relações sociais e de poder) «a fixação material do tempo, a memória, a identidade cultural». (BRUNER, 1990:36). Valores sociais e simbólicos incontornáveis e a-históricos, e que levam M. Romero, num trabalho em que passa em revista as principais perspectivas teóricas sobre o megalitismo, a considerar os sepulcros como «depósitos da identidade humana». (ROMERO, 2002: 203) Para J. Barrett, especialista citado pelo referido autor, a presença da morte e os rituais megalíticos dedicados aos antepassados têm o papel de sancionar e até de estruturar o comportamento dos vivos. Serve, portanto de *mapa genealógico identitário*. E onde se sustentam, segundo o mesmo autor, «sentimentos históricos, jogos de memória (...) e relações com a cosmologia». (BRUNER: 1990: 203) Ainda nesta linha eminentemente simbólica, mas mais especificamente actuante, práctica, no sentido de cerimonial, D. Cruz afirma que o monumento megalítico, em geral, é um centro cerimonial, restrito, onde se pratica e celebra a arte dos mortos e dos deuses, de denso «simbolismo hermético [só] passível de interpretação por iniciados». (VARELA, 1997)

No entanto, estas manifestações simbólicas – no sentido estrito em que ultrapassam a ordem meramente material e utilitária – são ainda insuficientes para nos autorizarem definitivamente uma leitura mágica ou religiosa desses gestos, mas tão só pressupor uma ideação sobrenatural imanente a tal comportamento. O que nos importa é este pontuar antrópico da paisagem dedicado sobretudo à domesticação da morte e do morto através de práticas culturais específicas.

É certo que para além desta vertente mais especificamente simbólico-religiosa, da cosmovisão, da definição da sacralidade (e, de qualquer modo longe das leituras marxistas e funcionalistas), outras dimensões estão também presentes e de algum modo complementares para integrar a narrativa que nos propomos: a organização social ainda igualitária na Península Ibérica no alvor Calcolítico e sobretudo uma economia e territorialidade ainda bastante baseada na pastorícia, na qual se supõe uma transumância periódica, onde os grupos, ainda de pequenas dimensões, se congregam e dispersam. Por esta razão, M. Romero propõe mesmo que, mais do que as interpretações clássicas dos recursos e das sociedades definitivamente campesinas, de organização socio-política hierarquizada, os monumentos megalíticos desta época seriam sobretudo marcos que configurariam «o modo como as gentes podem mover-se através do espaço sacralizado»; monumentos, talvez eles próprios, de função também propiciatória. (ROMERO, 2002: 200) De qualquer modo, não vemos contradição entre o que expomos e o que

postula Varela quando afirma tratar-se de o dealbar da concentração do poder sócio-religioso em determinados indivíduos numa sociedade tribal e patriarcal. (VARELA, 1997) É ainda assim o caso dos aborígenes da Austrália em relação aos *Trilhos do Sono* dos antepassados míticos; pois é nesta categoria que se investem provavelmente os antepassados clânicos, embora o estatuto dos defuntos nestas necrópoles continue a ser um mistério e alvo de controvérsia, bem como a extrapolação.

O que nos interessa sobretudo é reconhecer, para além da variabilidade dos rituais fúnebres, essa constância da necrópole como lugar sagrado, de que nos fala - a par da manipulação simbólica do defunto – o mobiliário fúnebre: a oferenda cerimonial do artefacto votivo e/ou propiciatório, a ornamentação, o ocre vermelho revitalizante, ou sangue, metonímia da morte/vida, o fogo, morte/renascimento, a alfaia ritual, a transmutação da utensilagem doméstica...

Os comportamentos não se fossilizam, é certo, mas é lícito pressupor que alguém socialmente destacado oficiasse especificamente esta liturgia, um xamã, um chefe clânico ou de aldeia. Tais atitudes configuram claramente um ritual de passagem e espelham decerto uma mitologia, uma estrutura imaginária subtil e requintada destes povos que, como em todos, constitui uma consciência e uma representação metafísica unindo os planos da vida e da morte e assegurando um sentimento de pertença grupal.

É desta básica inquietação humana, do que resta destes rituais, o que podemos encontrar na Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu do Laboratório Nacional de Energia e Geologia. É o que proponho narrar sob o foco atemporal do Sagrado. Creio ser esta a abordagem correcta – ou, pelo menos, a cientificamente mais interessante – para a leitura eminentemente antropológica (semiótica-simbólica) que pretende enquadrar artefactos arqueológicos na perspectiva geral desta dimensão do Ser Humano.



**Fig. 1. Reconstituição de enterramento de neandertal.**

(Fonte: Remete para Índice de Imagens)

### 1.3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIMBÓLICO

Ao grito de guerra dos arqueólogos de há cinquenta anos: *a Arqueologia ou é uma Antropologia ou não é nada*<sup>4</sup>, poderia hoje contrapor-se: a Museologia ou é uma Antropologia ou não é nada. Dividamos esta ciência nos seus tradicionais ramos: bio-sócio-cultural. O Museu da Geologia (contemplando a questão do *homem terciário*), os Museus Etnográficos nas suas variadíssimas especialidades (o fado, o brinquedo, o traje, a conserva, a moda...), o da Farmácia, o do Holocausto, os de Arte (o Rodin, o Caravaggio, a Guernica), o do Mar, o arquivo da Torre do Tombo (com autos da Inquisição e relações escravagistas), os Planetários (com as incríveis imagens do Hubble sondando a solidão do Universo)... concorrem para a asserção de Protágoras: *o Homem é a medida de todas as coisas*. E é nesta acepção que a Exposição reverbera em nós, nos interpela, de modo mais profundo do que a mais sedutora das soluções museográficas. Esta visão, mesmo que lata e antiga, não é, por isso uma redundância esvaziada de sentido ou um truísmo, desde o dealbar da nossa subespécie, criadora de cultura material, mental ou espiritual. Também não o é, sequer, pelo aparecimento dos antepassados dos museus, os ‘gabinetes de curiosidades’, enquanto expositores de artefactos. Mas se tudo, ou quase (do património material e imaterial) remete, de alguma forma para o Homem, seu autor, então não faria sentido uma Antropologia e, pelo que nos atém, uma Antropologia Museal. E muito diversa é, felizmente, a realidade museológica e museográfica. E, no entanto, o Homem é muitas vezes maltratado.

Já no final do sec. XIX, muito à frente do seu tempo no panorama nacional (se bem que alinhado com a Europa do pós Guerra), o Prof. Leite de Vasconcelos ocupava-se de «interpretar tudo o que formou o viver material e, em parte, psíquico e social [do homem]»<sup>5</sup>, mas, leia-se, do homem português, etnográfico. Curiosamente, veio de uma pessoa alheia à Museologia, o fundador da Antropologia Estrutural, Claude Lévi-Strauss, nos anos Cinquenta do sec XX, a advertência lapidar: *um Museu, ou lança uma luz sobre o Homem, ou não servirá para nada*.<sup>6</sup>

Porém, nem sempre é assim, e mesmo os museus que se reclamam da *Nova Museologia*, não cumprem por vezes esse desiderato. Cumpre chamar à liça, no entanto, alguns Museus de Arqueologia no panorama português, onde se alerta para o facto de uma instituição museal dever ser bastante mais do que um compêndio tridimensional.

---

<sup>4</sup> Trata-se do mais importante lema da Arqueologia Processual americana da época, encabeçada por Luis Binford, reivindicando, deste modo, a sua vocação e preocupação holística.

<sup>5</sup> LEITE DE VASCONCELOS, V. WEBGRAFIA

<sup>6</sup> LÉVI-TRAUSS. O autor refere-se a Museus de Etnografia no final dos anos Cinquenta, quando foi convidado para a criação de museus no Brasil e nos EUA. No entanto considero o repto ainda hoje pertinente e alargado a muitas tipologias de museus.

Há também casos de um bom acervo, pontuado por alguma informação ou, inversamente, uma boa mensagem ilustrada, aqui e ali, por algumas peças. E não esqueçamos a confusão que ainda ocorre entre um espaço pedagógico-lúdico e um espaço feérico. Por que não acrescentar, como Zapatero: a «Arqueologia-espectáculo», o «romântico-fantástico», o arqueólogo mediático, *Indiana Jones*, apresentando, em conferência no palco do museu, reproduções de tesouros... enfim, a promoção do «mercantilismo» e do «consumismo patrimonial». (ZAPATERO, 2012: 37-49)

Mais intimamente relacionado com o específico do nosso tema, o *Simbólico*, é um conceito largamente utilizado, quer em Antropologia, quer em Museologia. Nesta última disciplina, raro é o teórico que não refira e evidencie as características simbólicas das peças a expor, a dimensão simbólica da exposição, a perspectiva ou interpretação simbólicas, a exegese simbólica da narrativa, o campo simbólico da expressão museológica, a interacção simbólica, o valor simbólico da experiência... Para estes teóricos especialistas da *Sociomuseologia*, dir-se-á haver um entendimento comum sobre este conceito: tudo aquilo que escape, ainda que vagamente, ao mero valor utilitário ou artístico, ou, quando muito (na acepção semiótica), todo o objecto com valor de signo, isto é, susceptível de representar algo ausente que seja significante de um significado qualquer, preferencialmente imaterial, tal como a identidade nacional ou étnica (e quantas vezes se trata, tão só, de emblemas identitários e/ou culturais).

É verdade que nos encontramos perante um conceito complexo, algo opaco e polissémico. No entanto, estas acepções, por apelativas que sejam, estão à margem (ou tocam apenas tangencialmente) da proposta que considero a mais adequada para a interpretação e fruição da colecção que elejo.

Assim, na Simbólica da Antropologia, que chamo ao presente discurso museológico, o símbolo pressupõe uma ruptura de plano, uma descontinuidade e introduz uma ordem nova de múltiplas dimensões. De acordo com Lévi-Strauss, ele implica as estruturas mentais, mobilizando o psiquismo. (LÉVI-STRAUSS, 1989: 234/235) É por isso que «o símbolo desperta emotividade (...) e ressonância no sujeito». (MESQUITELA-LIMA, 1983: 38) Para Mircea Eliade, citado pelo simbologista Jean Chevallier, ele «inventava sempre uma relação, visto tornar possível a livre circulação entre níveis do real». (CHEVALIER, 1982: XVI) Como possui esta eficácia, o símbolo lança pontes entre mundos só aparentemente opostos: o sensível e o invisível, o sensível e o inteligível, o emocional e o intelectual. Neste sentido, como bem observa Servier, junta e separa - exige distanciamento e/ou participação. «Anexa à imagem visível, a parte do invisível

apercebida ocultamente». (CHEVALIER, 1982: XVII) Enfim, não obliterando a realidade, acrescenta-a de dimensões ricas, imaginativas e vívidas, entre os mundos humano, cósmico e divino.

Assim sendo, qualquer objecto pode revestir-se de um valor simbólico, desde que preencha esta função original do símbolo: esta «revelação existencial do Homem a ele próprio, através de uma experiência cosmológica». (CHEVALIER, 1982: XVII) É nesta experiência que podemos incluir a relação empírica/extra-empírica do Homem e o seu investimento no objecto.

Não é difícil incluir aqui a Sacralidade. Mircea Eliade é explícito a este respeito: «O símbolo revela uma realidade sagrada», isto é, atestando mesmo a presença do divino, comparando-se a uma revelação, despertando o Homem e conduzindo-o ao seu «princípio original», leia-se, o Sagrado. (ELIADE, 1970: 34) Sagrado, que o símbolo recorda e ao qual reconduz de modo intuitivo. Ora, esta deíade símbolo-sagrado é radicalmente atemporal e a-geográfica, no sentido em que transmite realidades eternas. Para terminar com um dos teóricos da simbólica universal, E. Fromm, «a linguagem simbólica é uma língua onde o mundo exterior é um símbolo do mundo interior, um símbolo das nossas almas e das nossas mentes». (FROMM, 1951: 20)

Neste particular, fará sentido convidar a Museologia a contar mais estreitamente com a Antropologia Cultural.

#### 1.4. O SAGRADO

*Os símbolos são uma conduta de intenção e de um tipo essencialmente sacral, que orienta o humano para o não-humano. (ALLEAU, 2001: 55)*

Sabemos, de modo intuitivo, e mais fundadamente desde Durkheim, mas também de Eliade, Caillois, Lévi-Strauss, Freud... que o *Sagrado* se opõe ao *profano*. O problema que se levanta aos antropólogos, mas também aos arqueólogos, museólogos e conservadores, reside na própria noção de *Sagrado*, na delimitação desse conceito, dessa esfera da vida pessoal e colectiva, ou ainda da relação do indivíduo e do grupo com a dimensão experienciada da religiosidade. Ora, *Sagrado* é, antes do mais, uma realidade humana sobrevalorizada, de forma que esta se torne símbolo de poderes e/ou conheci-

mentos que transcendem o Homem e que, por esse facto, são tão inquietantes como desejáveis.

Não cabe aqui uma hermenêutica ou o escrutínio da origem da sacralidade, da evolução do pensamento religioso e suas instituições e muito menos uma neuro-teologia que suporta a teoria divina da mente, na fronteira que nos torna humanos, mas antes uma definição suficientemente abrangente que nos permita dar conta deste fenómeno, das suas invariantes e que, sem excessivas generalizações esvaziadas de sentido, possa contribuir para lançar alguma luz sobre esta dimensão desde épocas pré-históricas. O que me norteia é sempre a *contextualização* dos factos e dados arqueológicos do universo pré-histórico, contribuindo para a sua correcta expressão museológica, em geral, e do espólio que elejo, em particular. Maurício Adriani, especialista em religiões, considera que na Pré-História se reconhecia já um:

conjunto complexo e articulado, no qual considera não ser infundado entrever um modo espiritual coerente, se não mesmo orgânico e, como tal, marcado por uma nota indiscutivelmente sagrada. (ADRIANI, 1988: 17)

Considera, tal como outros especialistas, que é esta sacralidade que constitui fundamentalmente a essência da religião, ontem, como hoje. Leroi-Gourhan, em *Religiões da Pré-História*, baseado em considerável documentação arqueológica, sustenta prudentemente que o nosso conhecimento sobre o Homem de Neandertal, apesar das suas inegáveis práticas de enterramento, não nos autoriza a falar de um comportamento religioso em tempos tão recuados; no entanto admite como lícita, a suspeita de uma concepção sobrenatural e a evolução para este pensamento já no dealbar deste Homem moderno. (LEROI-GOURHAN, 1964) Falar de religiosidade é falar de uma perspectiva entre outras, como adverte C. Geertz, é um modo de ver a vida, sendo que, por isto, entende este autor, uma maneira particular de «discernir», «apreender», «compreender», «captar» (GEERTZ, 1973: 105), mas é igualmente e concomitantemente, acrescentaria, uma maneira de encarar a morte.

Para dar conta deste propósito é necessário pensar como um antropólogo – o que equivale a dizer que o museólogo deveria voltar a contar com a Antropologia, de modo descomplexado, não revivalista, não enviesado e sem desconfianças (e não somente com a Etnografia). A Antropologia só aparentemente é o estudo dos costumes, crenças e instituições; é fundamentalmente o estudo do pensamento e, como nos ensina o *Pai* do

Estruturalismo, do universo de instrumentos conceptuais, através dos quais cada povo constrói as suas formas culturais. (LÉVI-STRAUSS, 1989)<sup>7</sup> No fundo, a sua utensilagem mental. Os antropólogos das religiões encaram a Religião enquanto sistema cultural; aí onde a sua génese – o Sagrado – se insere e subjaz, aí onde o Simbólico se concentra, exigindo, se não a descodificação ou interpretação, pelo menos a compreensão. A Antropologia não é mais uma ciência experimental em busca de *leis*, mas antes uma ciência interpretativa buscando significações.

É por isso necessário ver a Cultura como um conceito essencialmente semiótico, isto é, que o Homem se move em teias de significação que ele mesmo urdiu, considerando-se esta trama, imagens, objectos, ritos... a própria Cultura. Importa sobretudo aceder ao sistema de significações representado nos símbolos, às valências que ultrapassam o apreendido imediatamente pela percepção e ao próprio do símbolo, enquanto indissociável de uma experiência essencial e primeiramente subjectiva.

Ora, se o Sagrado é, para historiadores das religiões (Eliade), antropólogos (Leroi-Gourhan), filósofos (Cassirer), e linguistas (Peirce), privilegiadamente o reino do ‘simbólico’, para Lévi-Strauss toda a Cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, entre os quais se destaca (a par da linguagem, das trocas e da arte), precisamente a Religião. Para o autor, aquilo que é comum à Humanidade são estas estruturas simbólicas de onde derivam a totalidade dos arranjos etnográficos observáveis. (LÉVI-STRAUSS, 1989)<sup>8</sup> Não há homens que não simbolizem e re-simbolizem a experiência do Sagrado. Mas, recuando no tempo e indo mais fundo, a propósito da manifestação do Sagrado, o historiador das religiões R. Otto adverte que uma coisa é ter dele uma ideia, outra, diferente é «percepcioná-lo e descobri-lo» enquanto «factor activo e operante manifestado pela sua acção». (OTTO, 1992: 185) E, acrescentaria eu, também o Sagrado enquanto algo concreto (não o esqueçamos), através dos vestígios materiais de tempos remotos que nos lega. Para o autor, se bem que se trate, antes do mais, de uma revelação sensível, o Sagrado é, no entanto uma categoria que existe apenas no domínio religioso. Mas *in illo tempore*, diz M. Adriani, talvez uma «Religião primitiva tenha feito ‘um todo com o próprio princípio do Sagrado»». (ADRIANI, 1988: 11) R. Otto fala de categorias desta dimensão, como o sentimento do «objecto numinoso», o «mistério tremendum», a majestade, o poder, a energia, o radicalmente outro. (OTTO, 1992: 34-37) O poeta Goethe teria resumido estas características na sua concepção filo-

---

<sup>7</sup> Tese geral da obra do autor, expressa mais sistematicamente em *Antropologia Estrutural I e II*.

<sup>8</sup> *idem*.

sófica do *respeito*. Não é difícil projectarmos esta transcendência no homem actual, essa entrega emocional, essa ambivalência, essa cosmovisão.

São tais percepções, sentimentos e, provavelmente, narrativa mítica, que estão na origem do rito, lançando pontes, mas também reiterando a dicotomia entre Sagrado e profano, *puro e impuro*. Aqui poderemos incluir o culto dos mortos nas sociedades megalíticas e até, em parte, o xamanismo. Aqui, segundo Malinowski, de início serão mais uma «pré-disposição, uma aptidão operante, inata da mente primitiva, mas que se estruturará em torno de elementos (...) simples e fundamentais da psicologia humana ou da realidade em que vive o homem (...)». (MALINOWSKI, 1984: 22)

Assim sendo, é pertinente introduzir neste ponto as práticas mortuárias, objectos e ritos, de molde a contextualizar os artefactos exumados neste esqueleto de uma *Religião*, ou de uma religiosidade do actor neolítico-calcolítico. A ambiguidade (até a nível funcional) e a polivalência significante deste tipo de objectos esconde frequentemente o seu verdadeiro simbolismo. E tal como nos ensina a Antropologia e a Nova Arqueologia, este só é recuperável através dos seus respectivos contextos.

Mas, mais que o contexto que o visitante observa na exposição enquadrando uma peça, e que remeta vagamente para o enquadramento técnico-cultural da época tratada, importava que os Museus, mormente os de Arqueologia, tratassem, nas suas exposições, do Homem, do que os une, sincrónica e diacronicamente, de qual o significado de ser-se humano. Ao invés do mero conhecimento empírico, ainda vulgar na Museologia de vocação documental, pretendo contar uma história que reflecta um importante pilar da aventura humana, sempre actual, sempre inacabada. Uma *meta-narrativa* – enquanto narrativa museológica - mas ainda que possa, ela própria, ser comparada com a lenda, com a linguagem mítico-simbólica.

## **2. A NARRATIVA MUSEOLÓGICA EM MUSEUS DE ARQUEOLOGIA**

## 2.1 INTRODUÇÃO

Entende-se por *Narrativa Museológica* a *história* que subjaz ao enquadramento criativo de um acervo, com vista à elaboração de um percurso expositivo, em que o conjunto: objecto, imagem, palavra, adquiram uma função comunicativa ao serviço de aprendizagens, sensações, emoções e vivências. *História*, que um museólogo ou conservador se propõe contar a um público a partir de uma colecção dada.

No entanto, no caso dos Museus de Arqueologia, exceptuando alguns exemplos (sobretudo regionais e de poucos recursos financeiros), os espólios são expostos de modo pouco mais do que classificado, segundo critérios crono-culturais, sem um suporte narrativo que os envolva, relegando-se os seus testemunhos materiais para o estatuto de objecto-documento e, conseqüentemente, fazendo da exposição como que um «tratado disciplinar a três dimensões». (BAPTISTA, 2012)<sup>9</sup>. Neste modelo as peças perdem o seu poder evocativo e estão longe de proporcionar as desejadas vivências, que obteriam através da sua inserção numa trama. Por sua vez, o visitante é remetido para o papel pouco estimulante de receptor passivo de informação e é-lhe vedada a imersão num argumento de que poderá até sentir-se protagonista. Por seu turno, quando as há, as narrativas apresentam-se quase exclusivamente como reconstituições, com base em dados científicos, de aspectos seleccionados das épocas tratadas.

Em termos históricos, nos seus critérios expositivos, os museus de Arqueologia começaram por seguir a classificação disponibilizada por esta ciência ao objecto arqueológico. Nos museus oitocentistas com colecções de Arqueologia Pré-Histórica – como é o caso do Museu do Laboratório Nacional de Energia e Geologia – o espólio é apresentado, quando muito, de acordo com a sua: proveniência, natureza, forma e função. É certo que o vestígio arqueológico exibido num Museu foi sendo investido de outros valores: histórico, documental... apoiado por suportes contextualizantes/informativos. Mas não é, se não nos anos Oitenta do século passado que surge a ideia de um fio condutor, um discurso expositivo - narrativa – que guie e envolva o visitante da/na exposição. Trata-se de uma dinâmica que vai a par de uma preocupação

---

<sup>9</sup> Ver: Fontes Orais, Bibliografia.

mais holística na apresentação das sociedades passadas; modelo no qual, mantendo-se quase sempre a sequência cronológica, se procura dar ao visitante um esboço das vivências materiais e não materiais dos povos considerados: relações sociais e económicas, espiritualidade (Religião, crenças, Mitologia, rituais)....

É na tentativa de transcender este modelo, enquanto discurso radicalmente novo, radicalmente outro - mas não, evidentemente, alternativo e mutuamente exclusivo - que o presente projecto se apresenta como oferta de uma narrativa ficcional (enquadrando peças), enquanto própria narrativa museológica.

Não sendo objectivo deste trabalho apresentar uma recensão crítica das narrativas dos museus de Arqueologia nacionais, mas sim uma proposta de trabalho, julgo, contudo pertinente, e de modo muito sucinto, referir alguns exemplos paradigmáticos a nível ilustrativo, de modo a melhor enquadrar a minha própria narrativa e centrando-me nos níveis crono-espaciais.

## 2.2. MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

No maior Museu arqueológico português, unidisciplinar e universalista, renovado e sóbrio, as importantes colecções de Arqueologia portuguesa e de antiguidades egípcias respeitam uma ordem cronológica que se estende desde as origens paleolíticas do povoamento do nosso território até à Época Medieval, à fundação da nossa nacionalidade. Quanto aos *Tesouros da Arqueologia Portuguesa*, com destaque para a joalheria antiga, apresenta, nomeadamente, ouros, desde o período calcolítico (III milénio a.C.) até à Alta Idade Média. Por seu turno, a colecção egípcia, originária de quase todas as dinastias deste Império da Antiguidade, segue também uma ordem estritamente diacrónica na apresentação do seu acervo. O imenso espaço do claustro do Mosteiro dos Jerónimos reforça-lhe uma dignidade, já merecida pelo espólio e pelo seu histórico papel na Museologia portuguesa, e é aproveitado de modo elegante, no qual expositores e painéis constituem nichos que, não quebrando a perspectiva do conjunto, permitem a sistematização por categorias do seu imenso acervo.

## 2.3. MUSEU MONOGRÁFICO DE CONÍMBRIGA

Este Museu, integrado na tipologia: *Museus de História e Arqueologia*, tutela os vestígios musealizados da cidade romana. Mas, embora as suas colecções ilustrem uma história local desde o II Milénio ao final do Império Romano (aquando das invasões bárbaras no nosso território) e, portanto, uma dimensão diacrónica, penso que este Museu privilegia sobretudo uma matriz sincrónica. Em favor desta visão está o facto de ser opção clara deste Museu apresentar o mais documentadamente possível um período específico (os dois primeiros séculos da nossa Era). Fá-lo através de objectos e locais que relatem vivências, que apresentem uma panorâmica da vida quotidiana de então: a vida dos habitantes da cidade, nas suas diferentes facetas, materiais e não materiais, incluindo os cultos religiosos romanos. Trata-se de um Museu que, embora exponha exclusivamente objectos provenientes da escavação local, convida a extrapolar o modo como terá sido a ocupação do nosso território por parte de Roma, particularmente quanto aos espaços urbanos. Trata-se de um Museu que adquire, assim, uma importante projecção nacional e internacional.

#### 2.4. MUSEU DE ARTE PRÉ-HISTÓRICA DE MAÇÃO

Este moderno Museu regional – a justo título internacionalmente premiado e, a meu ver, respondendo de forma cabal ao espírito da Nova Museologia tem por vocação:

construir mecanismos de comunicação, de socialização de novos conhecimentos, ajudando a forjar o domínio social de novos conceitos, aprofundando recursos didácticos aos conteúdos decorrentes da investigação, e não apenas performativos e de entretenimento. (OOSTERBEEK, 1981)

Nesta dinâmica pedagógica de interacção com a sociedade, há, por exemplo, *ateliers* de materiais e experimentação de fabrico, apresentando o seu espólio através de uma abordagem assumidamente antropológica. A sua exposição permanente: *Um Risco na Paisagem*, privilegia os aspectos simbólicos da vida no Neolítico desde há sete ou oito milénios até ao período calcolítico, suas novas actividades, conquistas, cosmoviões. No entanto, é opção desta narrativa museológica centrar-se no significado dos *artefactos, arte e megalitismo*. No discurso museológico deste Museu, o passado e o presente procuram promover uma reflexão sobre «o sentido do futuro, incluindo o futuro

para além da morte». (HERNANDÉZ, 1998) A meu ver, assim logra este Museu transcender, de modo inteligente e sedutor, a polaridade sincronia-diacronia, constituindo-se como um Museu temático sobre o Homem.

### **3. MUSEU GEOLÓGICO**



Fig. 2. Aspecto parcial de uma das Salas de Paleontologia do Museu do LNEG, destacando-se o mobiliário original e as fotografias dos cientistas pioneiros das *Comissões Geológicas do Reino*, principais responsáveis pela recolha, estudo e classificação do espólio do Museu. (Fonte própria)

### 3.1. BREVE APONTAMENTO HISTÓRICO

O antigo Convento de Jesus, no Largo da Academia das Ciências, alberga hoje aquilo que é considerado um dos últimos exemplares da museologia e museografia oitocentistas. É, justamente por isso, considerado um «Museu dos Museus» (BAIÃO, 2009: 44), isto é, um Museu que se constitui, ele próprio, enquanto edifício, concepção museológica e museográfica, como peça representativa da história da Museologia. Em artigo de 2005, o seu director, Miguel Ramalho, escreve: «(...) já é muito raro em toda a Europa, conservando as características museológicas do século XIX, do mobiliário à arquitectura interior. É uma espécie de museu dentro de outro museu». (RAMALHO, 2005)<sup>10</sup> Um museu, acrescento, onde a nostalgia é o oposto do obsoleto e do efémero das exposições contemporâneas.

<sup>10</sup> Ver: Artigos de Imprensa, Bibliografia.

Aí, deparamo-nos com as Salas enormes de mobiliário expositivo quase secular e luz adequada e maioritariamente zenital, que albergam as mais de cento e cinquenta mil peças de Arqueologia, Paleontologia e Mineralogia, expostas à luz pelos pioneiros da *Comissão Geológica do Reino*, a partir de meados do sec. XIX.

De facto, foi na primeira metade deste século que a Antropologia Física, a Antropologia Cultural e mesmo a Etnografia se autonomizaram dos Museus Científicos, Arqueológicos e Geológicos. Nasce então o interesse pela Cultura Material, pelos restos humanos e pela evolução do Homem, domínios da Paleontologia e, concomitantemente, da Paleoantropologia.

José Leite de Vasconcelos refere mesmo a Fundação dos *Serviços Geológicos Nacionais* como o início do estudo científico da Antropologia; aliás, o seu Museu, o futuro *Museu Etnológico Português*, funcionará, numa primeira fase (por decreto governamental de 1893, funcionou, entre 1894 e 1899), agregado à *Comissão dos Trabalhos Geológicos*, no Convento de Jesus.

Carlos Ribeiro e Pereira da Costa, diretores da primeira Comissão Geológica, são os primeiros cientistas nacionais a reconhecer a existência de fósseis humanos em Portugal (em 1863), inaugurando, assim, a par da inevitável discussão da antiguidade humana (a partir dos estudos estratigráficos) e da ocupação pré-histórica nacional, os estudos verdadeiramente antropológicos no nosso país. Acontece que, pelo contexto em que muitas peças foram recolhidas em prospeções estratigráficas e, portanto, em estreita ligação com a *descoberta* do Homem, este enorme acervo foi ficando sempre subordinado à Arqueologia.

Cabe destacar, por isso, na data de 1880, o *9º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica*, em que Lisboa congregou delegações de dezasseis países. Cinco anos volvidos, Bernardino Machado Guimarães cria as disciplinas de *Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica* na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, tendo sido apoiado pela Secção didáctica do Museu de Historia Natural e no Programa do primeiro Professor de Antropologia, o Médico Henrique Teixeira de Bastos: «Tradições dos primeiros Povos das Idades da Pedra, do Bronze e do Ferro». (SANTOS, 2007: 244)

Numa visão que ainda não é crítica nem interdisciplinar, a catadupa de dados que convergem para os Estudos Paleoantropológicos é aplicada a partir de 1863 por Carlos Ribeiro ao Estudo dos *Concheiros de Muge*, identificando e estudando esqueletos humanos e utensílios. Este complexo de Muge é desde logo reconhecido como muitíssimo

importante para o entendimento da Pré-História, quer a nível nacional, quer mesmo a nível da Europa Atlântica, definindo uma etapa cultural, a do Mesolítico, aqui desconhecida até então.

Estácio da Veiga, precursor da Antropologia Física nacional e incansável arqueólogo, debruça-se nesta época naquilo que designou por Antropologia Funerária, aventurando-se mesmo nas ‘Crenças Religiosas’ a partir dos sepultamentos e artefactos conexos. À parte das ideias evolucionistas próprias da época, demonstra um pensamento verdadeiramente à frente da sua época, nomeadamente quando escreve:

A crença religiosa, o affecto, o respeito e a veneração entre os homens da última idade da pedra, definem o seu estado de elevação moral, ou o certo: o morto era sepultado com objectos que tinha possuído durante a vida, armas de guerra e de caça, instrumentos de trabalho, adornos e amuletos, etc. (SANTOS, 2007: 243)

É do fruto de tudo isto, sistematizado no último quartel de 1800, enformado pelas datações Paleozoicas e Mesozoicas, que a Sala da *Colecção Visitável* de Arqueologia Pré-Histórica do Museu Geológico, através dos seus pioneiros cientistas, nos fala, nos interpela e nos transporta. É esta a magia e o imaginário, é esta a aura de glamourosos tempos pretéritos da Ciência, é este o apelo e a imersão na História. Sem artifícios.

O Museu Geológico foi classificado em 2010 como Imóvel de *Interesse Público* devido ao *incalculável valor científico das colecções que conserva e ao seu íntegro espaço expositivo que é já uma referência, por si próprio, da museografia oitocentista, dos seus sistemas classificatórios e da apresentação das peças; na verdade Museu de Museus, de história mineralógica, paleontológica e arqueológica, cujo reconhecimento e preservação deverão ser acautelados no âmbito da classificação do conjunto*, (de acordo com a Portaria nº 1176/2010 de 24 de Dezembro de 2010).

Actualmente, o Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia faz parte da Rede Portuguesa de Museus.

### 3.2. A COLECÇÃO DE ARQUEOLOGIA

A Colecção de Arqueologia Pré-Histórica do Museu ocupa uma sala longitudinal de uns generosos 500m<sup>2</sup> (meio quilómetro quadrado!). Conta com mais de cem mil peças, entre as quais mil e seiscentas em expositores centrais de destaque. Cobre praticamente todas as etapas cronológico-culturais, desde o Paleolítico ao período Lusitano-Romano, com origem em ampla representação do Paleolítico Inferior e Médio e ainda aquilo que é um dos melhores espólios do Mesolítico Europeu – os célebres *Concheiros de Muge* - com origem nas explorações mineiras. É sobre estes, descobertos por Carlos Ribeiro em 1863, que é redigida a primeira monografia arqueológica em Portugal: «Da existência do homem em epochas remotas no valle do Tejo» (CARDOSO), por F. Pereira da Costa em 1865.

O Museu apresenta o seu espólio arqueológico de acordo com os critérios da época, nomeadamente quanto à sua classificação sumária, através da dupla tipologia, morfológica e funcional, por idade e em sequência diacrónica; e quanto ao agrupamento, de acordo com as estações arqueológicas de onde as peças provêm. É o caso das necrópoles neolíticas em grutas na região da Estremadura, de onde provêm, para além das cerâmicas cardiais, dos vasos e das alabardas (grandes lâminas de sílex), as famosas placas de xisto decoradas geometricamente, características do nosso território. Já no caso de grutas artificiais, provêm os materiais de Palmela às taças e às pontas, ambas internacionalmente designadas por *tipo Palmela*, para o que contribuiu decisivamente a obra de Cartilhac *Les ages pré-historiques de la Péninsule Ibérique*, de 1886. (CARDOSO) Estes conjuntos, juntamente com os famosos sítios da Alapraia (Cascais), Carenque (Amadora) e Sintra, com os seus cilindros funerários de calcário, fazem remontar estas necrópoles ao Neolítico Final (últimos séculos do IV milénio) embora, como também é comum, com sucessivas reutilizações durante o Calcolítico.

Têm especial destaque para este trabalho os dólmenes e complexos monumentais na área de Sintra e arredores. É o caso dos artefactos do *Tholos* do Monge, na Serra de Sintra, monumento megalítico de *falsa cúpula*, explorado e publicado por Carlos Ribeiro em 1880, e que o Museu Geológico divide com o Museu Arqueológico de Sintra.

De sublinhar e enaltecer é o facto de que durante muitos anos a Colecção de Arqueologia Pré-Histórica do Museu que congrega peças desde o *Homem terciário* à Arqueologia mineira, ter sido a única disponível aos investigadores. Continua hoje a ser um dos melhores conjuntos de Arqueologia Pré-Histórica do país e a única que expõe em permanência o maior conjunto de peças do Paleolítico ao período romano no que concerne a Portugal.



**Fig.3. Actividade no Museu do LNEG**  
(Fonte: Remete para Índice de Imagens)

### 3.3. THOLOS DO MONGE

Este monumento pré-histórico está situado num dos cumes mais altos da Serra de Sintra (a 448m de altitude) no local denominado *Monge*, próximo do Convento dos Capuchos. Na vertente Sul da Serra, domina a faixa costeira atlântica. Em vias de classificação como Monumento Nacional desde 1992, e embora bastante degradado, é considerado por alguns especialistas como um dos mais interessantes exemplares do seu género em toda a península de Lisboa.

Quando os Serviços Geológicos na segunda metade do sec XIX iniciam no nosso país o estudo sistemático da Pré-História, Carlos Ribeiro, engenheiro militar e arqueólogo dessa Instituição (também por esta apelidado de *antropólogo de serviço*), dedica-se à área de Sintra e contribui decisivamente para provar uma variedade, quer sincrónica, quer diacrónica, no que toca à presença humana, aferida a partir da variedade tipológica dos monumentos megalíticos. Identificado e escavado por este pioneiro, em 1878, o *Tholos do Monge* datará do Calcolítico (2750 a 2200 a.C., no nosso território), mas autores há que recuam esta data num milhar de anos, tendo sido provavelmente reutilizado no Bronze Final, altura em que os monumentos megalíticos de grandes dimensões foram dando lugar a monumentos menores, utilizando pedras mais pequenas. Trata-se de um túmulo denominado de *falsa cúpula*, de onde o vulgar nome de *Tholos*. Os materiais utilizados são lajes, apenas sumariamente afeiçoados (ortostatos, *tampas*), podendo ser complementados com contrafortes de pedras e/ou lajes e/ou terra. É possível que os próprios afloramentos graníticos naturais tenham sido utilizados como cúpula, uma vez

que o monumento aproveita uma depressão nas rochas. As pedras das paredes desigualmente assentes na horizontal, de altura de cerca de 2 metros, apresentam, nas fiadas superiores, um gradual avanço para o interior da câmara, o que pressuporia um fecho em forma de cúpula, tipo claraboia. O recinto interior deste espaço é circular, tendo um diâmetro aproximado de 4,5 metros. A entrada desta câmara mortuária fazia-se através de um vestíbulo, irregular e descoberto, ladeado de paredes igualmente de pedra, havendo um corredor de ligação entre ambas as estruturas. Ainda visíveis são duas pedras ladeando a porta da dita câmara.

Refira-se que o mobiliário fúnebre aqui recolhido, ainda maioritariamente por Carlos Ribeiro, é muitíssimo reduzido, embora não desprovido de interesse: cerâmica comum do Calcolítico, grosseira e sem roda de oleiro, pratos e vasos, sílexes, percutores, um cone raspado para extracção e confecção do ocre. No entanto, supõe-se que o recheio tenha sido muito mais rico, e que sucessivas profanações o tenham empobrecido irremediavelmente. É este humilde espólio que se pode observar no Museu do Laboratório Nacional de Energia e Geologia, na pequena secção (vitrina) que a Sala de Arqueologia dedica a este monumento.

Para a história a apresentar, e tal como assumido anteriormente, decidi enriquecer este espaço de artefactos de épocas e locais culturalmente ‘próximos’, quer sincrónica como diacronicamente, balizando o tempo desde o Neolítico ao Calcolítico pré-metalúrgico e alargando o espaço geográfico desde o vale do Tejo ao Sul da Península Ibérica. Só assim, tal como já assumi, ela se tornaria viável ou, pelo menos, museologicamente significativa, tendo em conta as limitações e exiguidades acima referidas.

### 3.4. PEÇAS INTEGRADAS NA NARRATIVA

## RELAÇÃO:

1. *Esferas (calcário marmóreo)*
2. *Base para preparação de ocres (calcário)*
3. *Nódulo de ocre*
4. *Recipientes para unguentos (calcário e osso)*
5. *Vasilha zoomórfica em forma de suíno (cerâmica)*
6. *Ídolo em forma de báculo, provável estilização do machado encabado*
7. *Ídolo cilíndrico com decoração antropomórfica*
8. *Ídolo de Pinha decorado com retículo de serpentes (calcário)*
9. *Ídolo antropomórfico decorado, destacando-se, em relevo, uma lúnula*
10. *Ídolo gravado, antropomórfico (mármore)*
11. *Ídolo oculado, falange de equídeo*
12. *Ídolo fálico (calcário)*
13. *Recipientes votivos «Gaal» (calcário)*
14. *Pente votivo decorado (osso)*
15. *Pequena albarda votiva de pedra polida (microgranito)*
16. *Machado votivo (xisto anfibrólito)*
17. *Lamparina de suspensão (cerâmica)*
18. *Ídolo de Placa decorado, antropomórfico (xisto)*

### 3.5. SOBRE A TIPOLOGIA FUNCIONAL

Ao escolher como temática central o ‘Sagrado’, procurei, na Arqueologia Pré-Histórica, artefactos relacionados com o ritual, com a oferenda e demais vestígios da

religiosidade (tal como a entendemos e descrevemos atrás), de entre as cerca de 1600 peças do Museu. Nestas dezoito procuro condensar e ilustrar o imenso espólio, ao mesmo tempo que se tornará mais exequível o seu ‘manuseamento’ numa história.

Dado que se trata maioritariamente de peças recolhidas em estruturas megalíticas diversas, estes artefactos estão classificados, na sua maioria (e para além das sumárias características formais), de acordo com a sua função ‘votiva’ ou ‘ritual’ ou, mais raramente, de ‘uso comum’. Casos há em que a legenda apresenta ‘uso desconhecido’, ou mesmo ‘ritual e/ou votivo’. Por outro lado, sabemos que as fronteiras podem ser ainda mais complexas e ténues: objectos comuns, como utensílios domésticos, armas ou adornos, podem passar a ter uma função votiva ou ritual e não raras vezes, réplicas mais pequenas de artefactos comuns são criadas com uma finalidade (e, portanto, significado) cultural específica. De igual modo, fazendo fé em M. Eliade, ‘*o Sagrado pode manifestar-se num objecto profano*’. (ELIADE, 1984:54) Deste modo, mesmo com este reduzido número de peças, resultaria virtualmente infinita qualquer tentativa de sistematização funcional, a par da sua reduzida utilidade para o fim em causa. Desenvolvi algumas pesquisas com resultados muitas vezes contraditórios ou inconclusivos.

Simplesmente, como assumi, este trabalho não trata tanto de Arqueologia (ou apenas subsidiariamente), ou de Antropologia (apenas enquanto enquadramento), mas antes de uma narrativa museológica, contudo de carácter inteiramente ficcional. Por isso, quanto a estas peças, tomei ainda a liberdade de escolher, para além do contexto específico já atrás mencionado (algumas condensações de tempo e lugar), também as suas próprias funções.

Evidentemente que um ídolo de pinha serpentiforme não foi deixado sobre um menir por extraterrestres à espera que os esotéricos pagãos da ‘*Nova Era*’ desvendassem os mistérios da inteligência universal..., mas nada impede que esse objecto de culto do Neolítico final seja, meio milénio depois, um ceptro nas mãos de um líder carismático.

### **3.6. FOTOGRAFIAS DAS PEÇAS**

Com a transcrição das legendas originais.

(Fonte própria)



**Fig. 4. Esferas de uso desconhecido  
(calcário marmóreo)**



**Fig. 5. Base para preparação de ocre (calcário)**



**Fig. 6. Nódulo de ocre**



**Fig. 7. Recipientes para unguentos e/ou votivos (calcário e osso)**



**Fig. 8. Vasilha zoomórfica em forma de suíno (cerâmica)**



**Fig. 9. Ídolo em forma de báculo. Provável estilização do machado encabado (xisto)**



**Fig. 10. Ídolo cilíndrico com decoração antropomórfica (calcário)**



**Fig. 11. Ídolo de pinha decorado com retículo de serpentes (calcário)**



**Fig. 12. Ídolo antropomórfico decorado, destacando-se, em relevo, uma lúnula. (Crê-se que nesta época, cerca de 2500 a.C., os povos adoravam o Sol e a Lua. Tradição que vem, seguramente, desde o início do Neolítico).**



**Fig. 13. Ídolo gravado antropomórfico (mármore)**



**Fig. 14. Ídolo oculado (falange de equídeo)**



**Fig. 15. Ídolo fálico (calcáreo)**



**Fig. 16. Recipientes votivos «Gaal» (calcáreo)**



**Fig. 17. Pente votivo decorado (osso)**



**Fig. 18. Pequena alabarda votiva de pedra polida (microgranito)**



**Fig. 19. Machado votivo (xisto anfibrólito)**



**Fig.20.Lamparina de suspensão (cerâmica lisa)**



**Fig. 21. Ídolo de placa decorado antropomórfico (xisto)**

## **4. TEMÁTICAS CENTRAIS**

### **4.1. O MEGALITISMO FUNERÁRIO**

O megalitismo é um fenómeno cultural indissociável do processo de neolitização (JORGE, 2002: 15), envolvendo uma área geográfica vasta – Europa (incluindo todo o território português), Médio-Oriente, Ásia e Norte de África – e, temporalmente, prolongando-se ao longo de dois milénios, no Sul da Península Ibérica e faixa atlântica do território português, aproximadamente de 4700 a 2750 a.C. As primeiras sociedades

agrícolas-sedentárias, ou em processo de domesticação/territorialização de uma paisagem transumante calcolítica (nesta última Idade da Pedra) apresentavam já uma «ruptura significativa na sua atitude face aos mortos, separando-o do mundo dos vivos» (JORGE, 2002: 15), em covas, hipogeus, grutas naturais. No Neolítico Final, estas dão lugar a espaços sepulcrais em forma de estruturas arquitectónicas – os *Megalitos* - sobretudo dólmenes ou antas, na sua forma mais simples, grandes pedras dispostas verticalmente, cobertas por uma laje, formando uma câmara mortuária.

Sigamos o que vários dos nossos melhores especialistas, em trabalho muito actual, referem como características das necrópoles neolíticas (*megalíticas*) e recintos calcolíticos (relevando a complexificação religiosa) e de entre as quais elejo aquelas que melhor se adaptam ao caso concreto do *Tholos do Monge* da nossa narrativa. Note-se o estimulante exemplo de uma Arqueologia que, na sua preocupação arquitectural destes *espaços significantes*, não descarta o esforço interpretativo e a percepção das suas dimensões simbólicas; Assim, por exemplo:

a sua localização não tem, em geral, uma relação óbvia com territórios agrícolas muito férteis (...) estão voltados a (e na proximidade de) bacias fluviais e terrenos agrícolas férteis, que deles se vêem panoramicamente;

Trata-se de arquitecturas, entre as quais as estruturas mais significativas são erguidas em sítios bem definidos, como o topo de colinas ou esporões e de modo bem visível; tendem a imitar por fora o natural, constituindo colinas artificiais, por isso,

simultaneamente em continuidade e descontinuidade com a paisagem que os cerca, criando assim uma espécie de jogo: imitam relevos do terreno (como se quisessem colocar relíquias ou outras deposições no interior da terra (...)); são microcosmos fechados, simples, e em relação directa com relíquias de antepassados (...), materializam, pois, aparentemente, uma certa atemporalidade, até pelos materiais a que estão ligados (provável hierofania da pedra, muitas vezes considerada sagrada porque indestrutível; a zona mais inacessível, ou núcleo do monumento, é escura, limitada, fechada, circunscrita – é o espaço que normalmente se designa por câmara funerária (...)); integram conjuntos artefactuais (...) escolhidos, altamente seleccionados, acentuando o carácter exotérico dos espaços internos (A.A.V.V., 2003: 59).

E finalmente, concluem os autores:

Tudo no megalitismo aponta para uma concepção uterina do espaço, fechado, recôndito, escuro, abrigado do olhar, limitado à penetração de alguns elementos da comunidade, e de modo algum público; e a arte serve para acentuar isso e os dife-

rentes graus de sacralidade desde o exterior até ao interior [a laje de cabeceira].  
(A.A.V.V., 2003:60)

O propósito destes monumentos não é, pois, estritamente funcional; corporiza e testemunha uma intenção simbólica: marcam e significam o espaço<sup>11</sup>, onde o sepulcro se confunde com centro cerimonial, palco de rituais em que se aliam religiosidade e magia. É a arte da ‘domesticação’ da morte e do morto, transformando-o em aliado sobrenatural. Separa-se e re-liga-se Sagrado e profano, onde especialistas, como vimos, descortinam já uma religião pré e proto-histórica. As construções, antropomorfizando a paisagem, teriam talvez, elas próprias, um carácter propiciatório. Alargando um pouco o foco sobre a temática, Oliveira Jorge fala mesmo de um «espaço qualificado com densidade de vivência antropológica (...), de um território povoado por significações, apropriações, conflitos... narrativas». (JORGE, 2002:17)

V. Sanjuán, num interessante trabalho, chama a atenção para a divisão entre construções megalíticas funerárias e não funerárias, atribuindo às primeiras um «depósito da identidade humana», mas descortinando em ambas uma variável social mais especificamente «simbólico-religiosa». (SANJUÁN, 2008: 58-60) É interessante constatar como o autor sistematiza e resume aquilo que considera as quatro dimensões deste fenómeno megalítico, e cujos conteúdos pontuam o desenvolvimento da nossa narrativa fictícia: a «presença» (rotas pastorícias e de comunicação...); a «imanência» (reprodução ideológica); a «cosmovisão» e a «permanência» (a definição da sacralidade, a reutilização dos espaços...). (SANJUÁN, 2008: 58-60) De facto, o autor não faz derivar qualquer dimensão do fenómeno em apreço, de quaisquer outras (nem, tampouco, as hierarquiza), ao invés de antigas e actuais abordagens político-ideológicas que consideram, nomeadamente, o aspecto religioso, como um *subsistema* ou *subproducto* numa dada e prévia *superestrutura*.

«Memória» e «identidade», sustentadas pelo «armazenamento, contemplação e cuidado», baseadas numa narrativa, num «discurso interpretativo» que veicula uma determinada concepção do mundo, levam Luís Lobo a uma interessantíssima analogia entre o monumento funerário e o Museu. (LOBO, 2012: 75-76) Um paralelo que vale o que vale pelas suas limitações, mas que pela sua originalidade não posso deixar de subscrever.

---

<sup>11</sup> Museu de Mação, Painel Informativo, 2011.

## 4.2. O MOBILIÁRIO FÚNEBRE

As oferendas tornam-se, a partir do Neolítico (veja-se ainda hoje, entre nós, o Culto Fatímida), expressão de um acto ritual de extrema importância. No nosso tema, inserem-se num sistema vertical de trocas entre o homem e a divindade, ou, pelo menos, o espírito dos mortos. Tem como eixo a *dádiva* e a *contra-dádiva*, um deve-e-haver entre o fruto do trabalho do homem – artefacto, primícia do ciclo da natureza – e o favor propiciatório dos deuses ou defuntos. Na lógica *arcaica* torna-se necessário assegurar o funcionamento interligado dos mundos natural e sobrenatural, de modo a manter a ordem no mundo quotidiano, através da presença do Sagrado.

É neste contexto que se inserem também os ídolos ofertados, oblação ambígua em que a divindade é oferecida a ela própria, através do acto criador do indivíduo. Entre os objectos oferecidos, na sua maioria não imediatamente utilitários – artefactos ou elementos animais e vegetais – encontramos nos túmulos megalítico, com maior ou menor profusão, ao longo do tempo e do espaço geográfico, elementos como: armas, utensílios domésticos (ou reproduções suas em tamanho menor), ossos de animais, adornos, vestuário, estatuetas, plaquinhas de xisto gravadas, nódulos ou pó de ocre, flores, comida e bebida, ídolos mais ou menos trabalhados (não raramente de gravação e/ou formato antropomórfico ou zoomórfico), vestígios de fogo... muitas vezes numa (talvez aparente) promiscuidade simbólica. Vemos também aqui a necessidade de prover o morto dos objectos necessários à outra vida (como no Egipto, na mesma época), entre outros significados culturais do mobiliário fúnebre, e ainda a importância e função do morto na hierarquia dos vivos, bem como a necessidade do seu não retorno malfazejo. Para além dos ex-votos, dos ídolos e dos objectos de *uso comum*, destacam-se ainda os objectos rituais, isto é, os utensílios/artefactos ou substâncias utilizadas pelo oficiante – sacerdote, líder ou o próprio xamã - para a prossecução das suas celebrações mágico-religiosas. Podem considerar-se alfaias litúrgicas que poderão reassumir outros significados e funções. Tudo isto aguardando uma cooperação mais estreita entre a Arqueologia, a Antropologia e a Museologia modernas, pois cabe frisar que este material, juntamente com as próprias estruturas monumentais, têm permitido aos cientistas as mais variadas (e quantas vezes voluntariamente enviesadas) *reconstituições* politizadas das sociedades pretéritas.

São alguns destes, entre outros, os objectos que pontuarão a minha narrativa.



**Fig. 22. Ídolos antropomórficos decorados, destacando-se a meio uma *lúnula***  
(Fonte: Remete para Índice de Imagens)

### 4.3. O XAMANISMO

O xamanismo é um conjunto cultural de práticas e de crenças mágico-religiosas, cujos vestígios remontam ao Paleolítico mais recuado. Encontra o seu principal fundamento num relacionamento muito particular com a paisagem; paisagem física, mas também cósmica e mental; pressupõe, portanto, por parte da comunidade, uma comunhão de pensamento de tipo de animista (de ‘*anima*’, ‘força vital’, ou da essência espiritual de tudo o que existe no Universo). O xamanismo integra-se, pois, originariamente, em tempos e espaços vastos, em que a natureza era simultaneamente temida e respeitada; em que os quatro elementos inspiravam rituais sagrados, invocando estes e outros espíritos, numa procura de diferentes níveis de espiritualidade, ou *consciência espiritual*.

O xamã tem sido, apressadamente, confundido com um sacerdote, mago, místico, feiticeiro, bruxo, adivinho, prestidigitador, curandeiro, psicólogo, médico, esquizofrénico, guru, terapeuta, assistente social, diplomata, actor... – Quantas vezes procuramos num museu um pouco desta jornada xamânica, ou de modo mais geral, menos consciente ou acidentalmente, a resposta para inúmeras questões?

Para o estudo deste tema é incontornável destacar Lévi-Strauss, que (num salto algo redutor e numa fase de namoro com a Psicanálise) chegou a compará-lo, a uma espécie de psicoterapeuta, dedicando-lhe mesmo todo um capítulo da sua obra de referência, *Antropologia Estrutural*<sup>12</sup> e que nas suas densas 2400 páginas das *Mitologiques*<sup>13</sup>, compila dezenas de mitos que referem o xamã/xamanismo (sobretudo nas Américas do Norte e do Sul, embora se conheçam similitudes espantosas em todo o mundo).<sup>14</sup> Este mestre do Simbólico tem ainda o mérito indirecto de ter inaugurando o estudo mais sistemático do fenómeno por parte da Psicologia moderna, que se distanciou da focagem nos efeitos das substâncias psicotrópicas (em voga nos anos Cinquenta e Sessenta), para se debruçar na Neuropsicologia Comportamental e na Neurofisiologia. Mas para lá desta diversidade de modernas abordagens, o antropólogo estruturalista constata com satisfação a unanimidade académica quanto à importância da manipulação dos símbolos prévios e abstractos, comuns ao espírito ou alma humanas, por parte de um xamã.

De um ponto de vista da Etnologia, o xamã detém o poder de interagir directamente com o mundo sobrenatural, isto é, dos espíritos, sejam eles os dos defuntos, de seres vivos, de objectos, ou de divindades (celestes ou do submundo), sem que as fronteiras sejam, por vezes nítidas, na arena tenebrosa e caótica do cosmos. Como tal é reconhecido pelo grupo como «um intermediário entre os homens e as potências invisíveis» (MOLYNEAUX, 2002: 144) e fica investido da faculdade de interceder junto deles, de os combater, de os enganar ou de os seduzir, no sentido de obter protecção, paz e prosperidade para todo o grupo, prever o futuro e, sobretudo, curar enfermos do corpo e da mente. É, por isso respeitado, temido, integrado ou proscrito e objecto de tabus, com a sua característica ambivalente, e de acordo com a cultura considerada.

---

<sup>12</sup> Claude Lévi-Strauss, Ver Bibliografia.

<sup>13</sup> Idem, idem.

<sup>14</sup> Embora não haja um Museu dedicado ao Xamanismo em Portugal, a Fundação Coa Parque apresenta no seu sítio 'Cultura' um bom artigo sobre Xamanismo, com *links* para Lévi-Strauss, Religião e magia, da autoria de J. Pinheiro Neves. Ver Netgrafia.

Em todo o caso, tal como atesta ainda hoje a Etnografia, da Sibéria às Américas, esta *viagem* é induzida quase invariavelmente por estados de «transe controlado» (também conhecido por «medianímico»), ou mesmo por *possessão*, ou seja, estados alterados de consciência (EAC), proporcionados normalmente pelo efeito de drogas alucinogénicas (principalmente *aihauasca*) e/ou música sincopada, com danças frenéticas e tambores tonitruantes, protagonizadas pelos iniciados, líderes (de linhagem, clânicos ou tribais) e ainda pelos espíritos coadjuvantes. Portanto, é importante reforça-lo, como nota Lévi-Strauss, para que esta «eficácia simbólica» resulte, é necessário que o doente, ou mesmo o grupo, partilhem o mesmo sistema simbólico (LÉVI-STRAUSS, 1989: 194 e 221); Isto é, ontologia e causalidade partilhadas quanto à ordem cósmica possibilitam a eficácia do xamã. No entanto, e comprovadamente, trata-se de um nível de consciência a que só homens extraordinários acedem e, importante, primeiramente disponibilizam a favor da comunidade.

Autores há que consideram possível que tenham existido, num passado muito remoto, comunidades de religião propriamente xamânica (VITEBSKY, 1995: 170) e até que padrões de pensamento xamânico testemunham a sobrevivência (degenerada, segundo alguns), de um primitivo sentido do divino, tornando-a, até, na Religião primeira da Humanidade (o célebre *animismo* dos antropólogos evolucionistas, como, por exemplo, E. Taylor). Mircea Eliade (até hoje o maior estudioso da matéria) considera que uma *hierofania* (manifestação do sagrado/divino no quotidiano) tem um valor estruturalmente equivalente em qualquer sociedade e em qualquer momento histórico, só diferindo as suas formas. (ELIADE, 1957: 25) No entanto os dados da Antropologia moderna são menos peremptórios: uma grande variedade de sociedades de todos os continentes detêm uma visão xamânica do mundo ou mesmo uma *cultura xamânica*, mas sem uma teologia ou sacerdotes que os enformem e na qual a referência a outro mundo não significa que seja oposto ou desligado deste. Pelo contrário, para Witebsky é suposto representarem, ambos, a verdadeira natureza da realidade e a causa última de todos os acontecimentos quotidianos no mundo em que vivemos. (VITEBSKY, 1995:8)

Não deixa, no entanto, de ser fácil reconhecer que ideias, práticas e princípios xamânicos se encontram ainda hoje nas maiores religiões mundiais (ou com elas coabitam), vejam-se os casos dos exorcismos por parte da Igreja Católica (que, apesar dos seus esforços, ainda não conseguiu integrar/domesticar o xamanismo, tal como o tem feito com as festas pagãs), o ritual teofágico da Eucaristia, as novas *Igrejas* brasileiras e americanas de *ajuda espiritual*, os dervixes rodopiantes iranianos...

Hoje, a par do recrudescimento do Xamanismo por parte das sociedades de onde tinha sido erradicado pelos regimes comunistas, proliferam, entre nós, os *novos movimentos xamânicos*, (*o xamã está em nós*), fruto do revivalismo da fusão uterina com a *mãe-natureza*, a par de uma sincrética *espiritualidade*, em geral e de outros temas que povoam o imaginário contemporâneo num Ocidente frenético, anódino e ferozmente individualista e consumista. Para este propósito existem ofertas para todos os gostos: a *consultoria* (psicoterapia breve) (VITEBSKY, 1995:150-159), o *oráculo*, o *reiki*, a *quiropática*, as *cartas*, o *horóscopo*, a *apometria* (comuns em tendas nas *feiras do oculto*), o *espiritismo*, o *crístico evangélico*, a *cura energética*, o *coaching vivencial*... xamânicos. A *The Foudation for Shamanics Studies Portugal* (fundada por um *antropólogo* com trabalho de campo na Amazônia) encontrou um nicho crescente de mercado e disponibiliza cursos de três anos de teoria e prática xamânicas; organizam-se encontros e festivais, onde os participantes são convidados a ingerir plantas alucinogénicas; até o *Budismo Zen*, a prática mais oposta ao xamanismo é forçada a conciliar-se com ele; proliferam hoje as mais diversas Irmandades pseudo-esotéricas dos *Tribalistas da Nova Era* (CAVALCANTE, 2011)<sup>15</sup> que se reclamam do Xamanismo, proclamando que este tipo de vivência holística é o caminho *do futuro*. Talvez... Talvez haja ainda, aqui e agora, actualidade e pertinência no *mito do eterno retorno*. (ELIADE, 2001)<sup>16</sup>

No entanto não é xamã quem quer (nem quem paga), mas quem é eleito pelos espíritos ancestrais (apresenta precocemente *sinais* ou faculdades inatas) e/ou é iniciado, em culturas maioritariamente orais e tribais.

Na verdade, Portugal, ao contrário de todas as nossas ex-colónias, não tem tradições xamânicas. Na província havia apenas, até há pouco, a figura do curandeiro (muitas vezes osteopata) e hoje em dia, as designadas magias branca (*altares* com oferendas) ou negra (*vudu*), armadas em encruzilhadas serranas ou à beira mar, e de origem afro-brasileira e cigana, são residuais.

Na minha narrativa, na senda dos principais atributos etnográficos, o *Velho* controla (supostamente) os espíritos do tempo atmosférico, personifica a fertilidade em geral, toma as dores dos outros, inicia um aprendiz nos mistérios da sua arte, faz jus a uma antiga acepção do nome: *aquele que ateia e cede o fogo* e frequenta monumentos megalíticos, por entre uma panóplia de objectos criteriosamente escolhidos e agrupados, e

---

<sup>15</sup> Título de obra do autor. Ver Bibliografia.

<sup>16</sup> Título da obra do autor. Ver Bibliografia.

que pretendem simbolizar os opostos aspectos do cosmos que equilibram o pequeno pedaço do Universo abarcável desde o *Promontório da Lua* e seu *Tholos*.



**Fig. 23. Xamã siberiano actual num ritual do fogo, na presença de dois assistentes. Tambor decorado com símbolos cósmicos. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)**

**Fig .24. Gravura de Xamã maupeche (Chile) debruçado sobre um paciente. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)**

## CONCLUSÃO

Antes de iniciar este trabalho, os meus únicos contactos com a Arqueologia tinham sido a leitura da *História Ilustrada da Arqueologia*, de C. Ceram, datada de 1957 (oferta do meu Pai pelo meu 16º aniversário) e ainda a visita ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.

Passados trinta anos ingressei no *Mestrado de Museologia e Museografia* da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, após uma Licenciatura em Antropologia Cultural.

A escolha do tema para a presente Dissertação não foi pacífica, dada a minha pluralidade de interesses e não menores limitações.

Mas há coisas que se decidem por si. Quando indaguei vários Museus sobre a possibilidade genérica de uma investigação, o Museu Geológico do Laboratório Nacional de Energia e Geologia disponibilizou-me, para a elaboração de qualquer tipo de trabalho, a sua Colecção de Arqueologia Pré-Histórica. *‘Vê-la e amá-la, foi obra de um instante’*.

Apelei à Antropologia. O caminho tomava forma no meu espírito: Unir, de algum modo, através destas peças, as disciplinas da Arqueologia, da Antropologia e da Museologia; ou, dito de outro modo, enquadrar algumas peças num todo coerente, formado pelo conjunto das três ciências. Em todo o caso, extrair da colecção uma leitura antropológica e fazê-la chegar a um público.

Impunha-se então, como aglutinadora, a eleição de uma temática. Esta acabou por surgir do confronto biunívoco com o espólio, em que ambos – tema e peças – se influenciaram e esclareceram mutuamente.

Emergiu, deste modo, o *Sagrado*, através da concorrência de um pequeno núcleo de artefactos (eleitos de entre os 1600 expostos em destaque), de função maioritariamente *ritual* ou *votiva*, e exumados em contextos megalíticos geograficamente próximos.

O Sagrado é, como se sabe, desde os seus primórdios, um tema caro à Antropologia e de profícuas relações entre a Arqueologia e a Museologia (desde o colecionismo de mobiliário fúnebre das Civilizações Clássicas, aos artefactos rituais dos povos, ditos *primitivos*).

Não menos importante, trata-se ainda de uma dimensão universal, estruturante do ser humano; portanto, de uma temática com a qual o leitor (e eventual visitante) se poderia, com facilidade identificar.

Persistia, entretanto, a mais fulcral das questões: O que fazer com isto, em termos de Museologia e/ou Museografia? Que ideia cativante e minimamente original propôr a um público, sobretudo que transcendesse a mera exposição, re-contextualização?

Como muitas vezes acontece, a luz advém das coisas mais simples. Neste caso, a ideia, quiçá mais basilar, da moderna Museologia: *Há que contar uma história*.

Resolvi, pois, contar uma história. História, porém, que pretendi diferente; diferente da narrativa científica (que subjaz imprescindivelmente a este tipo de Museus e suas exposições). Uma história radicalmente diversa: ficcional. Isto é, assumir um conto, uma narrativa, enquanto narrativa museológica. Ou seja, construir uma meta-narrativa.

A elaboração de uma pequena peça literária, subordinada ao tema do Sagrado, que integre na sua trama – enquanto protagonistas – alguns artefactos pré-históricos, não pretendeu apresentar-se como um discurso alternativo ao científico (essência e vocação pedagógica de um Museu); menos ainda como exemplo de um novo modelo narrativo a nível museal. Assumiu-se, tão só, como uma experiência outra; um exercício original e, apenas neste sentido, inovador.

Para a prossecução desta proposta levantaram-se várias questões, que pela sua importância me mereceram um bloco prévio. Trata-se, sobretudo, das teorias científicas que enformam conceptualmente as temáticas a integrar a narrativa e a informação que julguei suficiente para o objectivo proposto. Procurei, aí, fazer uma síntese da evolução do pensamento da Antropologia e da Arqueologia sobre o tema lato do *Sagrado* e da *Morte*, suas práticas, rituais e simbolismos; e ainda dar conta, muito sucintamente, do incomensuravelmente vasto mundo do megalitismo funerário, da neolitização e da época calcolítica.

Foi ainda neste bloco do trabalho que decidi incluir as minhas próprias reflexões sobre a Museologia; à medida que os temas, ou as disciplinas que os estudam, eram explanados e se deveriam, no meu entender, relacionar com o mundo dos Museus e neste sentido pareceu-me pertinente comparar géneros de narrativa museológica, em relação ao espaço/tempo discursivos, em alguns Museus que considerei como paradigmáticos.

Apresentei brevemente o Museu Geológico, por constituir o meu caso de estudo, mas igualmente porquanto este *Museu de Museus*, pilar da Museologia e da Arqueologia nacionais e até europeias (o contributo para um Mesolítico europeu, para além das outras temáticas: Mineralogia e Paleontologia), continua, incompreensível e imerecidamente, a passar despercebido no panorama museológico nacional (embora não às equipas de investigação estrangeiras e às visitas de estudo dos jovens de diferentes graus de ensino).

Incluí, por fim, uma apresentação sobre os temas específicos do conto, em particular o monumento *Tholos do Monge* (palco geográfico da narrativa) e a problemática

do Xamanismo, na qual procurei abordar diversas perspectivas, de modo a dotar o leitor do máximo leque interpretativo possível, e justificando as minhas opções.

Achei importante incluir as fotografias das peças *trabalhadas* no corpo do texto (e não em anexos), dado o seu papel central neste trabalho e para facilitar a sua *visualização* na história.

Apesar da investigação realizada, será sempre possível encontrar nesta narrativa-conto um ou outro anacronismo ou incongruência. É um risco que assumo e para o qual peço a benevolência do leitor/visitante; não incluo aqui algumas frases célebres da História, que coloquei em *itálico*, como tendo aí a sua origem, como recurso meramente literário; de igual modo, resolvi incluir uma ou outra expressão da Etnografia, sempre que tal me pareceu interessante, aceitável e vantajoso.

De resto, uma *boa história* foi tão estruturante no processo da hominização, à roda do fogo (o mito, o relato da caçada...), que ainda hoje ecoa em nós esta inata apetência e a procuramos sem cessar: a novela, a intriga, o cinema... o Museu. O imaginário que povoa o ser humano (e que é explorado na boa Museologia) deve tributo à imaginação, que é, por definição, livre. E, não obstante, desde os primórdios da Etnologia considerase a existência alargada dos discursos mítico-científicos; pelo que poderemos igualmente considerar como válido o adágio (tão popular, como das ciências *exactas*) de que os extremos se tocam, sem, contudo, perderem a sua identidade.

Sob este ponto de vista, portanto, esta jornada xamânica foi uma história, como tributo à História. Uma narrativa, enquanto humilíssima celebração deste vasto e englobante *Património Imaterial* do Homem.

A Museologia é aventura nunca acabada. Com maioria de razão desde que, adoptando o prefixo *Nova*, integrou a iniciativa do público e a devolve à comunidade, nos seus diversos domínios e a diversas escalas. Nunca acabada desde que haja homem, desde que haja átomo, desde que haja firmamento. Pode, como tantas vezes, metamorfosear-se, mas não implodirá. O bailado e o desporto podem ver-se no plasma doméstico; o jornal e o livro podem ler-se no tablet; o teatro não implica participação. O Museu contemporâneo é imersão, é multisensorial, é participação, é ritual; não se confunde com o catálogo ou com a visita virtual. É o palco multidimensional da criatividade. Por seu turno, a Literatura, sob todas as suas formas, não tem obrigatoriamente de esgotar-se no papel e na transposição do já feito para os espectáculos convencionais.

Não me debrucei, neste trabalho, sobre o futuro da Museologia; não me substituo aos especialistas. Falo de uma convicção, de um desejo, de um compromisso.

Sentir-me-ia redobradamente recompensado se este trabalho servir de estímulo à libertação do Verbo, das amarras da formatação e da imaginação: quer do leitor-visitante, quer daqueles que todos os dias trabalham, séria e arduamente, para conceber a nossa excelente Museologia.

Próximos trabalhos poderão, num sentido lato, propôr outras e diversas leituras, novos códigos, explorar novas matrizes de interpretação e comunicação de outros tantos domínios, temáticas e Museus.

No que concerne à especificidade da abordagem museológica desenvolvida neste trabalho, muito haverá a fazer no sentido de uma verdadeira criação de uma plataforma literária ligada à Arqueologia Pré-Histórica (nomeadamente à evolução socio-cultural da nossa espécie).

Seria ainda interessante apontar para uma diferente perspetivação da relação da Literatura com a Museologia, i.e, do Museu do Livro (que investiga, expõe, conserva, comunica...) ao Museu, palco da forma de comunicação por excelência, a Literatura.

## **BIBLIOGRAFIA**

AA.VV. (1987). *Muséologie et Ethnologie*. Editions De la Réunion des Musées Nationaux, Paris.

AA.VV. (1971). *Antropologia: ciência das sociedades primitivas?* Edições 70. Lisboa.

ADRIANI, M. (1988). *História das Religiões*. Edições 70. Lisboa.

ALLEAU, R. (2001). *A ciência dos Símbolos*. Edições 70. Lisboa.

AGUIAR, J. (2011). *A Voz dos Deuses*. Edições Biiis. Lisboa.

AUGÉ, M. (1974). *A Construção do Mundo: religião, representações, ideologia*. Edições 70. Lisboa.

BRUNER, J. (1990). *Actos de significado: para uma psicologia cultural*. Edições 70. Lisboa.

CAILLOIS, R. (1950). *O Homem e o Sagrado*. Edições 70. Lisboa.

CARMO, A. (2001). *Antropologia das religiões*. Universidade Aberta. Lisboa.

CASSIRER, E., (s/ data). *Linguagem, mito e religião*. Edições Rés. Porto.

CAUVIN, J. (1997). *Nascimento das Divindades Nascimento da Agricultura: a revolução dos símbolos no neolítico*. Edições Instituto Piaget. Lisboa.

- CAVALCANTE, V. F. (2011). *Os Tribalistas da Nova Era*. Fundação Quixote. Lisboa.
- CHEVALIER, J., & GHEERBRANT, A. (1969). *Dictionnaire des Symboles*. Editions Robert Laffont/Jupiter. Paris.
- CHILDE, V., & GODINHO, V. (1947). *O Homem faz-se a si próprio: o progresso da Humanidade desde as origens até ao fim do Império Romano*. Edições Cosmos. Lisboa.
- CLARKE, R. (1980). *O nascimento do Homem*. Edições Gradiva. Lisboa.
- DIAS, J. (1984). *Rio de Onor: comunitarismo agro-pastoril*. Edições Presença. Lisboa.
- DURAND, G. (1980). *As estruturas antropológicas do imaginário*. Edições Presença. Lisboa.
- DURKHEIM, E. (1992). *Las Formas Elementales de la Vida Religiosa*. Akal. Madrid.
- ELIADE, M. (2001). *El mito del eterno retorno: arquetipos y repetición*. Ediciones Emece. Madrid.
- (1970). *Tratado de História das Religiões*. Edições Cosmos. Lisboa.
- (1969). *Origens*. Edições 70. Lisboa.
- (1967). *Shamanism: archaic techniques of ecstasy*. London.
- (s/ data). *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Edições Livros do Brasil. Lisboa.
- FROMM, E. (1951). *A linguagem esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos*. Ediciones Zahar. Rio de Janeiro.
- GARROW, D., & YARROW, T. (2010). *Archaeology and anthropology: understanding similarity, exploiting difference*. Oxbow.
- GEERTZ, C. (1973). *La Intrerpretación de las Culturas*. Ediciones Gedisa. Barcelona.
- GONÇALVES, L. J. (Org.) et al. (1998). *Património arqueológico e cultura indígena*. Faculdade de Belas Artes-Universidade de Lisboa, Lisboa.
- LEITE, P. P. (2012). *A poética da intersubjectividade*. Edições Marca de Água. Lisboa.
- LEROI-GOURHAN, A. (1964). *As religiões da Pré-História*. Edições 70. Lisboa.
- LÉVI-TRAUSS, C. (1989). *Antropologia Estrutural*. Edições Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro.
- (1978). *Mito e Significado*. Edições 70. Lisboa.
- LEWIS-WILLIAMS, D. (2004). *The Mind in the Cave*. Thames & Hudson, London.
- MALINOWSKI, B. (1984). *Magia, Ciência e Religião*. Edições 70. Lisboa.
- MAUSS, M. (1960). *Ensaio sobre a Dádiva*. Edições 70. Lisboa.
- MESQUITELA-LIMA, A. (1983). *Antropologia do Simbólico*. Edições Presença. Lisboa.
- (1979). *Antropologia ou entropologia?* Edições HCM. Lisboa.
- MOLYNEAUX, B. L. (2002). *A Terra Sagrada: espíritos da natureza, locais antigos e sagrados, criação e fertilidade*. Taschen. Köln.
- MORIN, E. (1973). *O Paradigma Perdido*. Edições Europa-América. Lisboa.
- MOUTINHO, M. (1994). *Iniciação à Museologia*. Universidade Aberta. Lisboa.
- OTTO, R. (1992). *O Sagrado*. Edições 70. Lisboa.
- PEREIRA, C. M., *Povos indígenas em quadradinhos: o olhar etnográfico-semiótico do artista brasileiro Sérgio Macedo*. Revista Estúdio, V. 5. Nº 9 (Janeiro-Junho, 2014). 79-84. FBAUL. Lisboa,
- REIK, T. (1974). *Le rituel – psychanalyse des rites religieux*. Editions Denoel. Paris.
- ROGNON, F. (1991). *Os primitivos, nossos contemporâneos*. Edições Papyrus. São Paulo.

ROUDIER-CHAMPELOVIER. (2012). *La guerre du feu. 1- dans la nuit des âges*. (BD). Editions Delcourt/Tournai.

VITEBSKY, P. (1995). *O Xamã: viagens da alma, transe, êxtase e cura, desde a Sibéria ao Amazonas*. Edições Temas e Debates. Lisboa.

## WEBGRAFIA

**Exposição: O Narrador Relutante, Museu Coleção Berardo** [Acedido em Novembro de 2014]

Disponível em:

<http://pt.museuberardo.pt/noticias/inauguracao-o-narrador-relutante>

**Fundação Cêa Parque** [Acedido em Julho de 2014]

Disponível em:

<http://www.artecoa.pt/index.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemCultura&Menu2=Cultura>  
[.artecoa.pt/iwwwindex.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemCultura&Menu2=Primitivo&Filtro=142&Slide=142](http://www.artecoa.pt/iwwwindex.php?Language=pt&Page=Saberes&SubPage=ComunicacaoELinguagemCultura&Menu2=Primitivo&Filtro=142&Slide=142)

**José Leite Vasconcelos** [Acedido em Abril de 2014]:

Disponível em:

[http://www.museuarqueologia.pt/documentos/biografia\\_leite\\_vasconcelos](http://www.museuarqueologia.pt/documentos/biografia_leite_vasconcelos).

**LNEG** [Acedido em Junho de 2014]:

Disponível em:

<http://www.lneg.pt/MuseuGeologico/referencia/arqueologia>

**Secreto palácio de Sintra** [Acedido em Janeiro de 2008]

Disponível em:

[fi-  
le:///C:/Users/ASUS/Documents/Trekking/Secreto%20Pal%C3%A1cio%20de%20Sintra%20%20Peninha%20em%20Sintra%20-%20Lendas,%20Misticismo,%20Magia,%20Mitos.htm](http://C:/Users/ASUS/Documents/Trekking/Secreto%20Pal%C3%A1cio%20de%20Sintra%20%20Peninha%20em%20Sintra%20-%20Lendas,%20Misticismo,%20Magia,%20Mitos.htm)

## ARTIGOS CIENTÍFICOS

AA.VV. (2003). Reflexões preliminares a propósito e organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico/I. Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheira do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins. *Comunicação apresentada a «Sinais de Pedra» - 1º Colóquio Internacional sobre Megalitismo e Arte Rupestre na Europa Atlântica. Évora. Fundação Eugénio de Almeida*. Janeiro de 2003. 53-73.

AVELAR, D. C., *Leonilson e as palavras*. Revista Gama, V. 2. Nº 9 (Julho-Dezembro, 2014), 44-51. FBAUL. Lisboa

BELLATO, R., & CARVALHO, E. C. D. (2005). O jogo existencial e a ritualização da morte. *Ver Latioam Enfermagem*, 13 (1), 99-104.

- BLANCO, J. L. A. G., & BLANCO, A. B. (1996). Megalitismo y rituales funerários. *Complutum*, (1), 141.
- BLÁZQUEZ, J. M. (1995). Últimas aportaciones a las religiones ibéricas. *Revista de Ciencias de las Religiones. Univ. Complutense*, 33.
- BRANDÃO, J. M. (2009). Uma intervenção na «Sala de Arqueologia Pré-Histórica» do Museu Geológico (Lisboa). *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e técnicas do Património*. Porto. 93-106.
- BRITO, J. P. de. (1990). As rodas de Rio de Onor: um princípio estrutural e estruturante. *Análise Social*, 511-543.
- CALADO, M. (2003). Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. 351-369.
- CAPUTO, R. F. (2008). O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Rev. Saber Acad*, 6, 73-80.
- CARVALHO, R. M. R. (1998). *Exposição em museus e público: o processo de comunicação e transferência de informação*.
- CEMIN, A. C. A. (1999). Xamanismo: algumas abordagens teóricas. Nº 15. Vol. III.
- COSTA, D. M. (2012). Estudos mortuários em arqueologia pré-histórica e histórica: de espelho etnográfico à máscara social. *Revista Habitus*, v. 10, n.1, jul./dez. 2012. 105-114.
- CURY, M. X. (2005). *Comunicação Museológica: Uma Perspectiva Teórico-Metodológica de Recepção*. São Paulo.
- DINIZ, M. (2000). Neolitização e megalitismo: arquitecturas do tempo no espaço. *Muitas antas, pouca gente*, 105-116.
- FABIÃO, C. (1989). Para a História da Arqueologia em Portugal. *Penélope: revista de história e ciências sociais*, (2), 9-26.
- FRANCIELLY, R. D. (2014). Exposições como problema de pesquisa. *Revista Ciclos, Florianópolis*, V. 1. N 2, Ano 1, Fevereiro de 2014.
- FUNARI, P. P. A., & MARQUETTI, F. (2011). Reflexões sobre o falo e o chifre: por uma arqueologia do masculino no Paleolítico. *Dimensões, Espírito Santo*, 26, 357-371.
- GARCIA, J. M. V. (2011). Ritos e representações do paleolítico: uma leitura semiótica. *Revista de História Regional*, 16 (1).
- (1995). Problemas teóricos de la arqueología de la muerte. Una introducción. *Exmo. Concello (Biblioteca Arqueohistórica, Limiá, Série Cursos e Congressos 3). Xingo de Limia*. 13-31.
- GÓMES, M. V. (1997). Estátuas-menires antropomórficas do alto-alentejo: descobertas recentes e problemática. *Brigantium*, 10, 255-279.
- GONÇALVES, V. S. (2006). Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9 (2), 27-59.
- (2002). O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta intridução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º Milénio no centro e sul de Portugal. *Unidade de Arqueologia. Faculdade de Letras. Lisboa. pp. 1600-214*

- (2000). Muita gente, poucas antas?: origens, espaços e contextos do megalitismo. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo, Reguengos de Monsaraz, 3 a 7 de Maio de 2000*. pp. 1-12.
- GUILAINE, J. (1996). Proto-megalithisme, rites funéraires et mobiliers de prestige megalithiques en Méditerranée occidentale. *Complutum*, (1), 123.
- HETHERINGTON, K. (1995). *The utopies of social ordering- Stonehenge as a museum without walls*. *The Sociological Review*, 43 (S1), 153-176.
- HODDER, J. (1986). La arqueología postprocessual. *Interpretación en arqueología. Corrientes actuales*.
- HURTADO, V. (1978). Los ídolos del Calcolítico en el occidente peninsular. *Habis*, 9, 357-364
- JORGE, V. M. O. (1996). Economias neolíticas e megalitismo: introdução ao problema. *Revista da Faculdade de Letras. História*, (13), 561-594.
- (1989). Arqueologia social dos sepulcros megalíticos: conhecimentos e perspectivas actuais. *Revista da Faculdade de Letras. História*, (6), 365-443.
- (2002). Arqueologia dos monumentos da Pré-História recente: algumas sugestões interpretativas. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, 1, 2002, 13-26.
- KRIPPNER, S. (2007). Os primeiros curadores da humanidade: abordagens psicológicas e psiquiátricas sobre os xamãs e o xamanismo. *Ver. Psiq. Clin.*, 34 (suppl 1), 17-24.
- LEVRATTI, S., RODRIGUES, M. L., CASTALDINI, D., & LEVI, S. T. (2011). Study of the geomorphological and archaeological aspects of Sintra área (Portugal) as a contribution to its tourist appraisal and promotion. *GeoJournal of Tourism & Geosites*, 8 (2).
- LEWIS-WILLIAMS, J. D. & DOWSON, T. A. (1988). Entropic Phenomena in Upper Paleolithic Art. *Current Anthropology*, 29(2). 201-245.
- LOPES, C. M. G. (2013). Os espaços do museu do século XXI. Museu Nacional de Arqueologia. *Revista Vox Musei arte e património*.
- MATOS, O. (2007). Notas Soltas Sobre a «Descoberta» da Arqueologia no Século XIX. *Praxis Archaeologica*, 75-96.
- NETO, E. & MAFALDA, T. Coord. (2013). Contos de Tantos Contos. *C. M. de Torres Vedras e C. M. da Lourinhã*.
- NOLASCO, D. M. (2000). *Museos y museología en Portugal: una ruta ibérica para el futuro*.
- OOSTERBEEK, M. (1981). Continuidade e descontinuidade na Pré-História.
- PEARSON, M. P. (1999). The archaeology of the death and burial. *Phoenix Mill, UK: Sutton*.
- (1993). The powerful dead: archaeological relationships between the living and the dead. *Cambridge Archaeological Journal*, 3. 203-229.
- (1982). *Motuary practices, society and ideology. An ethnoarchaeological study*. Symbolic and Structural Archaeology.
- PEÑA, R. G., & ASTILLEROS, K. M. L. (2000). Visiones sagradas para los líderes: cerâmicas campaniformes com decoración simbólica en la Península Ibérica. *Complutum*, 11, 285.
- PÉREZ, J. B. (2009). Uniformidad conceptual en los ídolos del calcolítico peninsular.
- PUYOLES, O. (2003). La muerte como rito transcendental: los rituales funerários del epipaleolítico-mesolítico y su probable influencia en el mundo megalítico.
- PROPP, V. (2001). Morfologia do conto maravilhoso. 1-137.

- RAMIREZ, P. B., de BALBIN BEHRMANN, R., & CORDERO, A. G. (2001). El arte megalítico como evidencia del culto a los antepasados: a propósito del dolmen de la Corja (Cáceres). *Quadernos de pre-historia i arqueologia de Castelló*, (22), 47-72.
- RODRÍGUEZ, A. R., BRUNET, T. C., & ZAPATERO, G. R. (1988). La Arqueología Contextual: una revisión crítica. *Trabajos de Prehistoria*, 45, 11-17.
- ROMERO, J. E. M. (2002). Megalitismo, agricultura y complejidad social: algunas consideraciones. *Baética: Estudios de arte, geografía y historia*, (24), 193-222.
- SANJUÁN, L. G. (2008). 34. Muerte, tiempo, memoria. Los megálitos como moradias culturales. *Revista ph*, (67 Especial).
- (2000). Grandes Piedras, Paisajes Sagradas. *Revista ph*, (31).
- SANTOS, A. L. (2007). Estácio da Veiga e os primórdios da Antropologia Física.
- SCHEINER, T. (s/d). Comunicação, Educação, Exposição: novos saberes, novos sentidos. *Semiosfera*, ano 3, nº 4-5.
- SCHEINER, T. C. (2006). Museologia e interpretação da realidade: o discurso da história (texto provocativo). *Museology and History*, 51.
- SERRANO, J. A. C. (2012). Bases teóricas para el estudio del ritual funerario utilizadas durante la prehistoria reciente en el sur de la península ibérica. *Sagvntvm. Papeles del laboratorio de arqueologia de Valencia*, 32, 97-114.
- SIMÕES, R. M. (2007). Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica. *Revista Habitus*, v. 10. n.1, jul./dez. 2012. 157-162.
- USARSKI, F. (2004). Os enganos sobre o Sagrado: uma síntese crítica ao ramo «clássico» da Fenomenologia da Religião e seus conceitos-chave. *Rever: Revista de Estudos da Religião, São Paulo*, (4), 73-95.
- VARELA, J. M. V. (1997). Ideología del arte megalítico de la Península Ibérica. *Brigantium*, 10. 15-22.
- VIEIRA, A. G. (2001). Do conceito de estrutura à sua crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3). 599-608.
- YARROW, T., & GARROW, D. (2010). Introduction: archaeological anthropology.

## TESES

- BAIÃO, J. M. G. (2009). *Museus de Museus. Uma reflexão. Proposta para uma definição*. Dissertação de Mestrado em Museologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- JORGE, V. M. O. (1977). *Ensaio de Paleoantropologia Cultural*. Monografia. Secção de publicação de textos do Centro Universitário do Porto, Ed. Porto. Porto.
- LEITE, P. J. O. P. (2010). *Casa Muss-amb-ike. O compromisso no processo museológico*. Tese de Doutoramento em Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.

## FONTES ORAIS

BAPTISTA, A. (Dezembro de 2011). Comunicação. FBAUL.  
PEREIRA, A. D. B. (Janeiro de 2012). Comunicação. FBAUL

## CONFERÊNCIAS

LOBO, L. G. – *Territorio de câmbios: algunas conjeturas sobre museos y otras ilusiones*. In: Construcciones y usos del pasado: patrimonio arqueológico, território y museo. Jornadas de debate del Museu de Prehistòria de València. 2012

OLIVEIRA, J. - *Rituais da morte dos artistas rupestres neolíticos do Vale do Tejo (Portugal/Espanha)*. Comunicação apresentada no «3º Taller Internacional de Arte Rupestre», Habana, Cuba. Nov. 2008.

ZAPATERO, R. G. – *Presencia social de la Arqueologia y percepción pública del pasado*. In: Construcciones y usos del pasado: patrimonio arqueológico, território y museo. Jornadas de debate del Museu de Prehistòria de València. 2012

## ARTIGOS DE IMPRENSA

RAMALHO, M. (2005). **Museu Geológico**

In: Jornal de Notícias [Acedido em Janeiro de 2014]

Disponível em:

[http://jn.sapo.pt/2005/11/28/sociedade/museu\\_geologico\\_risco.html](http://jn.sapo.pt/2005/11/28/sociedade/museu_geologico_risco.html)

## EXPOSIÇÕES

PINTO, Bernardo Silva. Exposição de Artes Plásticas: «*Os Seres Imaginários*». Setembro, 2014. Centro Cultural de Cascais.

BRAGA, Robério. Exposição de Fotografia: «*Luz Negra*». Outubro, 2014. Centro Cultural de Cascais.

## ANEXOS

## ANEXO I – O MUSEU NACIONAL DE ENERGIA E GEOLOGIA



**Figs. 25/26.** Vistas parciais dos expositores da Sala de Arqueologia Pré-Histórica do Museu do LNEG. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)



**Fig. 27.** Vista parcial de expositor com artefactos exumados em monumentos megalíticos. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

**Fig.28.** Reserva visitável ao público (com cerca de 150.000 peças) do Museu Geológico. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

## ANEXO II – HOMNAGEM A CARLOS RIBEIRO



**Fig. 29. Carlos Ribeiro (1818-1882). Pioneiro da Arqueologia por trabalhos nas *Comissões Geológicas e Mineiras do Reino*. Principal impulsionador da Colecção de Arqueologia do Museu Geológico.**  
(Fonte: Remete para Índice de Imagens)



**Fig. 30. Caderno de Campo manuscrito do Prof. Carlos Ribeiro, arqueólogo e antropólogo de serviço.**

(Fonte: Remete para Índice de Imagens)

## ANEXO III – ARTIGOS, EXPOSIÇÕES, ILUSTRAÇÕES DIDÁTICAS

### Museu de Arte Pré-Histórica de Mação é palco de encontro internacional, que reúne arqueólogos, antropólogos e artesãos

Com o objetivo de encontrar "rumos comuns de trabalho", alguns dos "melhores investigadores e arqueólogos cerâmicos do país e do mundo" reuniram-se em Mação desde de ontem até quarta-feira.

O Museu de Arte Pré-Histórica de Mação é o local de encontro deste seminário internacional, que reúne arqueólogos, antropólogos e artesãos cerâmicos de Angola, Brasil, Colômbia, Ilhas Normandas, Itália, Portugal, Rússia e Senegal, e que "vão encontrar um rumo comum de trabalho" para o Laboratório de Tecnologia Cerâmica, instalado no Museu de Mação.

Segundo disse à agência Lusa Luis Oosterbeek, o diretor científico do Museu de Arte Pré-Histórica de Mação, esta é "a primeira de uma série de reuniões", que tem por objetivo "deparar em conjunto de áreas de investigação conjunta, de modo a estruturar o próprio laboratório e avançar mais depressa em estudos científicos: 'redirecionados'".

O responsável afirmou que o seminário pretende "definir com todos os especialistas as abordagens arqueológicas da cerâmica, com as aproximações da etnografia, da etnoarqueologia, da serpenologia e da arqueologia experimental", tendo acrescentado que "a meta é pôr estas pessoas a trabalhar numa mesma direção".

"O nosso propósito é o de encontrar as perspetivas em algumas perspetivas do Laboratório de Tecnologia Cerâmica do Instituto Tera e Memória (ITM), visando a sua análise crítica e a possível sugestão de rumos de colaboração na criação de uma linha de investigação ampliada, no âmbito dos projetos desenvolvidos pelo Grupo 'Quaternário e Pré-Histórico' do Centro de Geociências do Museu de Mação", afirmou a Lusa Luis Oosterbeek.

Segundo acrescentou, o seminário "marcará o início de uma relação que se quer forte" entre o Museu de Arte Pré-Histórica de Mação e o futuro Museu Ibérico de Arqueologia e Arte de Alentejo, um equipamento cultural que "reúne também notáveis coleções cerâmicas de todo o mundo".

No âmbito deste seminário internacional, o Museu de Mação inaugura quarta-feira, dia 11 de Novembro, a exposição "Índios Guarani: um passado revivido pela cerâmica arqueológica".

Segundo disse Luis Oosterbeek, a exposição "pretende revelar aspectos tecnológicos das cerâmicas guaranis arqueológicas, recuperadas pela arqueologia experimental, numa perspectiva científica e artística".

"A mostra vai integrar espaços audiovisuais e mapas (objetos materiais, numa perspectiva histórica), permitindo o estudo da manufatura da cerâmica arqueológica de material", acrescentou.



Fig. 31. Museu de Mação: um exemplo de sucesso da Nova Museologia (in: Diário dos Açores). (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

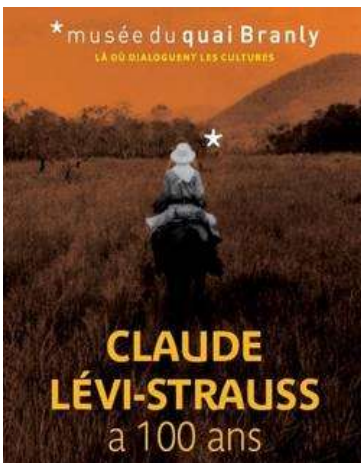


Fig. 32. Justa homenagem do Museu Quai Branly ao Etnólogo francês. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

Fig.33. Exposição no Palais de Tóquio, Japão, inspirada na obra de Lévi-Strauss: 'O Cru e o Cozinhado' [in: 'Mythologiques']. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)



Fig. 34. O imaginário. Monumento megalítico, de uma série de desenhos, em blog sobre o tema. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

Fig. 35. Ilustração didáctica de tipos de ídolos calcólíticos. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

## ANEXO IV – EXPOSIÇÕES



**Fig. 36.** *'Um dia na Pré-História'* (há 5000 anos).Atividade do Museu Arqueológico de Portimão. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

**Fig. 37.** Xamã. Museu do Quai Banly, Paris. Exposição: *'Mestres da Desordem'*. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)



**Fig. 38.** Rara reconstituição de um xamã em exposição permanente. Xamã da Manchúria, de 1928 Trabalho de Bin Garten. Museu Ubersee, Bremen, Alemanha. (Fonte: Remete p/Índice de Imagens)

**Fig. 39.** *'Ensaio Mulher Yanomami'*. Claudia Andujar. Exposição: *'Imigração helvética no Brasil'*, S. Paulo, 2003. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

## ANEXO V - O NEOXAMANISMO



Fig. 40. O Xamanismo *'take-away'*. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)



Fig. 41. O Xamanismo *Nova Era*, ou *Neoxamanismo*. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)



Fig. 42. Festas *rave* de inspiração xamânica. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)

## ANEXO VI – THOLOS DO MONGE



**Fig. 43.** Marco geodésico erguido (a 500m de altitude) sobre as ruínas do monumento Megalítico *Tholos do Monge*. (Fonte: Remete para Índice de Imagens)



**Fig. 44.** Região do Parque Natural Sintra-Cascais assinalando do pico do ‘MONGE’ a que deve o nome a estrutura megalítica. (Fonte: Instituto Cartográfico do Exército)

# *Narrativa*

**PREÂMBULO**

Tal como é tradicionalmente aceite na estrutura de um conto, este deve situar-se num tempo e espaço mais ou menos explicitados. Com maioria de razão, enquanto narrativa museológica - envolvendo um acervo específico - dificilmente poderia ser de outro modo.

Por outro lado, chamarei a este espaço e tempo peças e dados arqueológicos de datas e locais diversos, embora culturalmente afins – Sul da Península Ibérica e Vale do Tejo - Por isso, e porque é essencial optar, tendo em conta a maior coerência e interesse possíveis, situo o conto geograficamente na Serra de Sintra, na área circunvizinha ao monumento megalítico conhecido por *Tholos do Monge* e, cronologicamente, entre o segundo e o terceiro séculos do III milénio a.C.

A opção, é certo, tem muito de subjectivo. De facto, embora constitua um local importante na história da Arqueologia portuguesa, apenas uma singela parte do espólio descrito tem esta proveniência. No entanto é uma zona que me fascina, pelas exactas razões que servem o ambiente procurado para esta história: os cultos pagãos, desde sempre associados ao Monte da Lua, o *Mons Lunae* romano, mas que este Império não conseguiu erradicar), a aura de espiritualidade e misticismo (desde a *Xântia* moura à *Cíntia* túrdula), mas que ainda mantém e que congrega quem a demanda, a Geologia, que a faz remontar ao mar, o ecossistema (fauna e flora autóctones, que poderiam, verosimilhanamente, coexistir com estes personagens dos finais da Pré-História) e, finalmente, a simbologia da proximidade do Cabo da Roca, o *Promontório da Lua*, fim do Velho Continente, onde os últimos Neandertais, acossados, poderão ter transmitido ao Homem Moderno as suas preocupações transcendentais.

A data pretende ainda ser a mais recuada, cientificamente consensual, relativamente a esta época da História a este tipo de monumentos e sua utilização, e, tanto quanto possível, compatível com as ocupações humanas referenciadas neste ermo relativamente pouco explorado e pacífico. Trata-se do Calcolítico Inicial pré-metalúrgico; consolidadas que estão (ou quase), nesta região da Península Ibérica, as conquistas do Neolítico. Complexifica-se a *Religião*, na sua relação com as cerimónias fúnebres; proliferam no Sul da Península Ibérica os ídolos, em detrimento dos cultos das deusas-mãe, intimamente associadas à fertilidade; as *plaquinhas de xisto* decoradas apaixonam e dividem os arqueólogos.

A nível da organização social, a pequena comunidade constitui-se como tribo, isto é, como um conjunto geográfica e relacionalmente coeso de clãs (estes, um conjunto de famílias alargadas, agrupadas em linhagens). A aldeia é relativamente isolada e auto-suficiente e ainda de cariz comunitarista, portanto tendencialmente igualitária.

A temática do Xamanismo adveio-me como adequada ao universo do Sagrado, à sua existência cientificamente aceite desde o Paleolítico mais recuado, à sua transversalidade geográfico-cultural (ainda hoje observada e estudada pela Etnografia e pela Psicologia e tão sedutoramente interpretada pela Antropologia de cunho psicanalítico) e ainda à sua relação privilegiada e tormentosa com o universo profano. Poder-se-ia objectar que um sacerdote corresponderia, com vantagem, ao tema do Sagrado (eventualmente, com maior clareza para o visitante); no entanto considero o argumento etnocentricamente limitativo: o xamã move-se numa multiplicidade de dimensões, ligando-as e desligando-as (e é frequente, aliás, ter uma profissão perfeitamente comum), transcendendo, assim, um Poder Temporal que confinaria a história; enquanto, simultaneamente, me demarco do espartilho da Teologia (suas hierarquia e doutrina) e me permito fazer incursões pela magia.

**No princípio era o Penedo da Lua e o Sonho do Xamã. Depois veio a Constelação da Primeira Madrugada, a Serpente e a Chuva. Por fim, vieram os Espíritos e os Homens.**



Dizia-se que o homem era velho, de bem mais de cinquenta invernos. Dizia-se até mais, que era filho do próprio Inverno. Não que tivesse nascido durante a safra do faval da encosta ou do plantio dos últimos trigos do planalto, mas porque as águas do céu lhe obedeciam. Em todo o caso era conhecido na aldeia como o *Feiticeiro*, ou simplesmente: o *Velho*. O rapaz, filho de pastor, seguia-lhe os passos esquivos, agarrando-lhe literalmente a túnica de burel, debruada a símbolos incompreensíveis. Transportava-lhe na sacola as esferas pétreas e terríveis, que vira já em acção – a maior, o Céu; a outra, a Terra - trocando chispas como correntes azuis, uma em cada mão; levava-lhe ainda a singular lamparina de suspensão - ovoide, de fino cordame, provida de óleo, lã e resina, da cor da casca do cebolo bravo - com que o Mestre alumia as trevas: o breu celeste e a noite escavada pelo homem.

Contudo, ali, na colina, «onde a terra acaba e o mar começa», já não chovia havia muitas luas; luas demais, para os dedos das mãos. As águas largas das fontes corriam agora em precioso fio, que dessedentava ainda os homens, mas matava lavoura e animais; a «do Romeiro» secara, para sempre? Os Anciãos, inquietos, voltavam-se para o Velho, expectantes, desconfiados. O *Ferreiro*, mais novo e pragmático, não era homem de perder o sono. Na sua qualidade de chefe clânico, cogitava já emissários a sondar o tempo e as soluções dos homens noutras comunidades.

Mas nada era simples.

O Velho retirava-se cada vez mais da aldeia, subindo a ladeira de pó, tojo perene e, outrora, madressilvas, que desembocava no alto; no alinhamento das pedras afeiçoadas do *Quarto Vazio*, a Casa dos Mortos, que, de geração em geração, os aldeãos aprenderam a evitar, fora das cerimónias fúnebres. Pousava o bordão de freixo e o alforge, exigia silêncio ao rapaz e, por vezes de olhos fechados, lá, no reino da águia-de-bonéli, perscrutava o horizonte, talvez o Universo... O Universo visível do Monte da Lua, até onde o Sol se banha ao fim do dia, naquele sítio maldito onde a mulher teimosa foi transformada em Ursa. Depois cospe na terra seca; e como sempre acontece, onde o

Velho cospe, brotam as exóticas fascicularias, com as suas pétalas vermelhas em forma de estiletes flamejantes.

À criança chamavam *Filho da Lua*, não pela toponímia do lugar, onde fora abandonado e mais tarde recolhido, mas sim por apresentar enigmáticas manchas brancas em grande parte do seu corpo e também pelos olhos, velados e rosáceos, como o acordar do astro, em prenúncio de tempestade. As pequenas víboras evitavam-no.

Por esta época, em que o ditado já se resumia apenas a: «manhãs de frio, tardes de estio», no dia em que o Sol ilumina durante tanto tempo, quanto o que a noite esconde, no alto da Serra, a luz, coada pelas heras que ainda enfeitam os carvalhos, aponta um foco inusual por entre o zimbros cerrado e o granito imponente dos rochedos. Velho e aprendiz, em sintonia, com mãos hábeis, escavam o local. Lume de abrunheiro alumia-os, aquece-os e previne-os da sorradeira raposa de pelo fulvo.

Tratava-se de um objecto de pedra, trabalhado por alguém, mas, a um primeiro olhar, entre as mãos do Feiticeiro, de significado incompreensível. Decididamente não se tratava de um corpo celeste, mas, como tudo o que existe, sobretudo desgastado pelo tempo, possuía uma força vital, era dono de uma vontade. Com o indicador nodoso, quase como quem acaricia, aponta ao rapaz: traços de figura humana, a forma cónica e, sobretudo, ao centro, em relevo e bela, uma lua em crescente, deitada; possivelmente entre os vários níveis do céu, da terra e do submundo, ainda indelevelmente assinalados; a extremidade pontiaguda, para baixo, tal como deveria ser observado, tornava-o, de facto, ideal para ser enterrado.

Quem?, quando?, porquê?, era um enigma que se multiplicava... Mas afinal – a sabedoria que a idade confere intuía-o – talvez tudo isto não fosse o mais importante, e o essencial fosse, tão só, a confirmação, palpável e reconfortante, de que os antepassados, destes ou doutros homens, prestavam já culto ao astro da noite, ou, pelo menos, que os seus xamãs com ele privavam. O mais avisado seria talvez recebê-lo e aguardar atentamente; aguardar uma manifestação de poder, uma mensagem cósmica... Mas o Sábio e a criança sabiam-no bem: o tempo urge! Talvez força-lo a falar, a revelar-se... A lua, o homem... A chuva! A pedra é uma escada intemporal que une o céu e a terra.

Já clareava quando regressaram da Casa dos Mortos, onde, perante a anuência silenciosa daqueles que partiram, depositaram reverentemente a estranha dádiva, apontando-a, desta vez, ao céu imenso.

No exíguo terreiro que encima a tortuosa descida para a aldeia, o Velho, acocorado, na sua postura habitual, acaba uns rabiscos na terra dura com o auxílio de um pauzi-

to e emite, entredentes, um silvo melodioso; quinze coelhos bravos acorrem à chamada. Acto contínuo, matam-nos, esfolam-nos e transportam-nos. O Velho providencia para que sejam repartidos pelas viúvas e pelas mulheres que amamentam.

O Sol nasce de novo. O vento, fruto do combate entre o céu eterno e o mar sem fim, vem gigante; soprado do outro lado do Promontório, do areal dos frutos verdes e vermelhos, que ninguém transpõe. Em breve o círculo incandescente picará, ameaçará sufocar.

Atravessa o céu uma nuvem ilusória.

O povo e a terra sofrem a sede. Os gestos são lentos, mecânicos, depurados como uma essência, uma condição, numa rotina que se adapta, quase desesperada.

À volta dos braseiros, nas conversas, nos lamentos, nos murmúrios, só a sede e o medo imperam. Cozinham-se os animais mortos à míngua, raciona-se a bebida. Terão os espíritos nefastos derrotado inapelavelmente os protectores da tribo?, incluindo os do céu, da chuva, das fontes... dos antepassados?, como um castigo colectivo?, quebrámos nós algum interdito e estaremos, pois, impuros?, ou seremos alvo de sortilégio lançado por outro povo, ou, talvez, por um feiticeiro todo poderoso; por que obscuros motivos?

Então reinava o silêncio. O silêncio que invade a alma insidiosamente e a deixa despida; o silêncio que revolve as entranhas, mas que sente a sintonia da angústia do outro, do seu irmão, vertida nos mesmos pensamentos sufocados, na palavra não ousada: estaremos condenados? Sobrevivia-se na expectativa da actitude avisada dos líderes, dos seus mais ínfimos sinais.

E o Feiticeiro? O que esperar do especialista em situações de crise? Talvez os espíritos dos seus antecessores lhe tenham retirado os poderes. E, no entanto, continua a praticar as mesmas decocções, infusões, cataplasmas, macerações e tisanas, com a mesmíssima segadora das plantas medicinais e nos mesmos recipientes para unguentos, de pedra e osso, mais antigos do que ele próprio, mas tão ricamente trabalhados por si e que, também eles, são poderosos: um dia uma das suas misturas, zangada, logrou partir um dos copos, com estrondo; o Velho tentou reconstruí-lo, mas o espírito do copo não deixou, e a partir daí o objecto aparece sempre num local diferente daquele onde o Feiticeiro o coloca, por despeito ou pura embirração de ambos.

É certo que o Velho ainda trata, no corpo, as feridas e as fracturas com o sumo da arnica e até, em cerimónias, combate a anemia das adolescentes, consegue provocar o aborto e, com as mistelas de arruda, regular a menstruação das mulheres. Ainda não há muito tempo, recordam, erradicava males da mente de pessoas *possuídas* pelo que ele chamava *espíritos imundos*, somente a partir de vozes de comando, chocalhos e untagens com pastas de aroma a alecrim; e recuperava, deste modo, os guardiões do enfermo. Mas estes espíritos são tão fortes e ferozes que o Velho caía sempre no meio do chão e se magoava, inerte e descomposto. Mas – a enumeração dos sucessos tem o condão de acalantar a confiança – quando o Velho ficava mais desfigurado era quando os defuntos falavam pela sua boca, para tratar de assuntos pendentes com os vivos. Ou quando, atado firmemente ao chão por um ajudante, fumando a mistura de ervas próprias no cachimbo exclusivo para esse fim, a alma se lhe escapava do corpo sob a forma do fumo e este, por sua vez, encarnava a águia altaneira, sagaz, paciente e corajosa, capaz de dissuadir e combater os espíritos mais renitentes e malévolos. Conforme os objectivos específicos destas jornadas, ou *viagens*, estas poderiam ser *rituais* ou *espirituais*, explicou o Velho, certo dia, ao aprendiz. Mas como tantas vezes acontece, a sua ausência era ainda mais notada. Partia sem nada levar consigo, esvaindo-se no pó dos caminhos. Depois voltava, mais jovial, ou mais sombrio, às vezes carregado de plantas e de ninharias.



Nesse dia o Feiticeiro voltou a chamar o rapaz, que já se retirara a desarrear a velha pileca das albardas e das arcadas de barbas de baleia, do cetáceo que um dia dera à costa. Conduziu-o até à sombra de um zambujeiro, na orla da aldeia, junto ao tanque. E falou assim, conciso e grave:

- Ainda sou dono do saber dos meus antepassados e da experiência de uma vida. Porém, a minha mulher abandonou-me. E não consigo encontrar o seu espírito em parte alguma.

- Mulher?!

- Há muitas coisas no mundo que ainda não estás preparado para saber ou compreender. Mas não te esqueças disto, porque te diz respeito: No dia em que fui iniciado nos mistérios do Universo, foi-me oferecida a lua como esposa. A tua mãe foi o fruto da nossa união. É daí que vem o teu nome. Mas como ela te abandonou aos lobos, não deixou irmão mais velho e o teu pai se juntou aos seus no Quarto Vazio, eu adoptei-te.

Nunca me questionaste, e não me agradeças. Pertence-me ser sozinho, mesmo sendo também um chefe clânico. Acontece que obedeci a um chamamento, ou, se preferires, obedeceste tu ao chamamento.

- Então foi assim?... E serei eu, um dia, o novo Velho?

- Sim, serás Xamã. Mas herdarás um mundo em desequilíbrio. É provável que a serpente venha a ser soberana nesta terra; nesta mesma terra que os espíritos celestes e os nossos antepassados nos legaram. De qualquer modo somos nada. A vida não nos pertence, como não nos pertence tudo quanto a vista alcança e ainda mais além. Pertence aos espíritos.

- Nem os nossos mortos? Nem o pão...?

- Não. Nem os nossos mortos, nem o trigo, nem o fogo.

O rapaz respeitou o silêncio do Velho e, deslizando pelo povoado, acabou os seus afazeres diários e nesse dia jejuou e assaltam-no sonhos, durante a noite toda, ora sombrios, ora coloridos.

O Xamã ficou-se assim, absorto, e ouviu o garrido pica-pau malhado dar lugar à sábia e circumspecta coruja do mato.

Após esta meditação vespertina, o Velho voltou e trepar ao Quarto Vazio, como se de um atleta se tratasse e, com a determinação de quem deve tratar dos vivos, retirou, sem mais, aos mortos, o machado oferecido em voto e, atravessando a aldeia, desceu ainda mais, à pena-planície das culturas moribundas. Transportava a *insustentável leveza do ser*. Mediu ciosamente as passadas e enterrou-o no exacto centro do campo. Percutiu o objecto contra o solo com o gesto firme de um homem seco, de uma só vez. Ouviu o espírito do machado atacar as pedras soltas do subsolo e viu distintamente as faíscas produzidas, ao todo um clarão, como um relâmpago, que anuncia a vitória sobre a seca e a promessa da vida. Seguidamente retirou-lhe o cabo, ainda prenhe de energia e arremessou-o à sétima onda, contada pelo fragor das águas, para que a fímbria do mar, junto à praia, se despojasse do seu sal.

Terra, fogo, água, ar... Pareceu satisfeito. Abrigou-se contra uns pés de loureiro, dispersou o pernicioso musaranho de dentes vermelhos e adormeceu em posição fetal, na noite sem lua. Quando se começou a distinguir, a contraluz, o pico mais distante da Serra, pôs-se de novo a caminho, descendo a perigosa escarpa com a leveza de quem paira no ar. Mas a água ainda era salgada e insalubre. O pau, molhado, singularmente espetado na areia, como que troçando do Velho, indicava a direcção Sudeste. Mais aci-

ma, à volta do machado, por entre infames cardos em flor, haviam crescido a salsaparilha-bastarda e a erva das setes sangrias.



A Casa do Fogo era a primeira a acender o lume; ainda antes de os espíritos do crepúsculo anunciarem os seus humores para o dia vindouro. Ao seu único habitante chamava, o povo, o *Ferreiro*. Não porque se lhe conhecesse profissão alguma, de onde era costume inspirar-se o apelido; mas apenas por ser fero, por aplicar ferocidade, expressão bem mais tranquilizadora do que *feroz*. Mas, em boa verdade, o epíteto era algo injusto; a Justiça é que é, por vezes dura. Este chefe do clã dos artífices muito raramente dava azo a esta faceta do seu temperamento; era até espirituoso e dedicado aos seus. Tal impetuosidade dirigia-se, quase invariavelmente, contra a integridade da sua própria oficina, se assim se-lhe poderia chamar. Então o Feiticeiro ajudava-o a reparar o forno ou a bica ou, até, as pesadas massas de pedra. E partiam a procurar matéria-prima, em longas caminhadas, por trilhos que os seus próprios passos iam construindo, e recolhiam, à volta, a carvalhiça para o lume guloso.

A Casa do Fogo era a maior da aldeia, com uns generosos dezoito passos de comprimento, por uns oito de largura e a única que exibia um telhado de argila cozida com adobe, por sobre os altos muros de alvenaria. As restantes três dúzias, construídas por todos os parentes das grandes famílias, edificavam-se em pedra de calcário, travejamento de carvalho e colmo. E embora fossem providas de cozinha com lareira, muitos aldeãos preferiam cozinhar e comer fora de portas, disfrutando a paisagem, a brisa e a companhia de quem pára.

Havia, claro está, as construções comuns: o moinho, o forno, o tanque, os currais... Para além do mercado; em parte coberto, em parte ao ar livre, e no calor, sob toldos de peles de cabra, esticados por barrotes, de onde pendiam também, nas celebrações festivas, os mais variados enfeites. Isto formava, no entanto, a par das atabalhoadas parcelas agrícolas e das mais antigas, de apascento, um todo pouco harmonioso, evoluindo ao longo de dois ou três socalcos seminaturais que o Penedo oferecia ao engenho do homem.

Mas o que mais impressionava, porventura ao olhar de uma ave ou de um forasteiro que chegasse do vale, era, no ponto mais alto, não longe da ladeira que subia para a

antecâmara mortos, a Casa da Roca. Ao contrário da Casa do Fogo, que causava perplexidade pelo secretismo, cultivado pelo Ferreiro, sobre o que se lá passava, a Casa da Roca era frequentada por todos, os que a demandavam e os que fossem convocados. Lá se dirimiam diferendos entre vizinhos ou entre famílias, se rectificavam crimes e se tomavam importantes decisões concernentes ao bem comum. Ao seu serviço estavam os Anciãos, chefes dos seus respectivos clãs, actualmente em número de quatro. Eram presididos, segundo o Costume, pelo elemento mais idoso, portanto segundo um sistema, aceite e respeitado, de rotatividade aleatória. Tratava-se da única construção em xisto, com placas afeiçoadas pela sua deposição prévia no leito dos ribeiros; o esmero exigido e a morosidade da sua edificação, consubstanciavam-se no seu aspecto imponente e, não obstante, equilibrado e contribuía para a pretendida impressão de respeito. Possuía ainda um primeiro piso, de foro mais privado, dedicado à reclusão dos iniciados e à acomodação de convidados. De resto, as celebrações tinham lugar no terreiro adjacente, ou, muito raramente, como nos solstícios e nos funerais, em redor do Quarto Vazio.

Mas o mais notável de tudo, nesta Casa, sempre franqueada, e para cuja entrada não era necessária qualquer oblação a quaisquer espíritos, é que aí se reuniam, conservavam, investigavam, comunicavam e expunham curiosos objectos e não menos interessantes tradições, isto é, os testemunhos dos homens precedentes, ou, meramente, do seu meio ambiente. Portanto, quando não era palco de nenhuma das actividades *oficiais*, esta Casa ensinava e deleitava.



Artefactos de uso comum, bem como outras mercadorias, eram transacionadas no mercado e coisa muito distinta. O comércio constituía o encontro privilegiado entre pessoas de diferentes famílias, o pretexto do convívio. Afluíam até, por vezes, comerciantes do exterior, que traziam os frutos do mar, plaquinhas de sal e notícias, em troca de peles e potes de oleiro.

Mas, por estes dias, desapareciam quase completamente das bancas, a fruta e tudo o que provem do leite dos animais, que se tornavam agora preciosos para o consumo doméstico do productor; passavam também à lembrança os deliciosos bolos adoçados com mel. A cardação da lã e a curtição e tintura de peles haviam parado. E até a activi-

dade frenética da Casa do Fogo perdia o seu fulgor, como que em sintonia com os homens. Os humores apresentavam-se biliosos.

No entanto a vida humana custa a esvaír-se quando a missão do corpo e da mente é sobreviver, e mobilizam-se recursos. A troca era a alma do pequeno povo: de bens, serviços e pessoas... e até com os espíritos. Os mais sagazes compreendiam-no e estimulavam-na.

Assim, ainda não há muito tempo, um casaco de lã tingido de anil, com botões de osso ou jade, podia trocar-se por um bom painel de cestaria encanada para um tecto, pavimento ou divisória. Um odre de pele de cabra era justo por um conjunto de três marmitas de cortiça com alça de madeira. Certa velhota pôde escolher pela mesma bilha de água de rosas, um raspador de curtumes para o filho ou trinta e cinco galinhas poedeiras. E um fabricante de um tear por encomenda acordou trocá-lo pelo cereal bastante para prover a sua família durante um ano inteiro; mas pelo atraso na entrega, o comprador exigiu-lhe ainda duas sacas de figos.

Também havia artesanato e episódios de requinte: Um dia o Ferreiro vergastou em público o seu genro quando o viu pedir por uma dúzia de queijadas o preço exorbitante de uma saia de couro para a mulher; portanto para a sua própria filha.

Mas, indiscutivelmente, o caso mais curioso tenha sido o do pente de osso. Esta lindíssima peça, trabalhada com sensibilidade a fino punção de gravar, protagonizou um episódio que só não subiu ao Conselho dos Anciãos por estarem estes absortos em mais prementes questões. O objecto valia um par de cestos de raiz de urtiga entrançada, debruados a tecido rendado. Mas, perante o agudizar anómalo das carências, o artista alterou o preço para duas ovelhas que, para mais, deveriam ser novas e saudáveis. A jovem teve, muito a custo, de vender os cestos pelos animais, de modo a concluir o primeiro compromisso. No entanto, tal adorno conferiu-lhe uma graça e dignidade deslumbrantes, parecendo irradiar do seu cabelo miríades de luz, e claro está que o pequeno objecto sobreviveu em muito às ovelhas. O Velho, ainda assim, que sabe que, mesmo por simpatia, no ôco de um osso pode residir a alma, vaticinou que os jovens se viriam a casar.

O povo já não aguentava viver com o espasmo do silêncio e da sede; no silêncio dos seus próprios líderes familiares, em suspenso. Exigiu um sacrifício propiciatório ao

espírito da chuva, para que este se dignasse a derramar a água vivificante sobre os vivos ou, pelo menos, que previsse o futuro, apontasse um caminho, uma orientação salvífica, uma ajuda. Mas tal prática era tão bizarra, por em desuso desde há tantas gerações, que logrou estarrecer o próprio Xamã, que intuiu o sacrilégio da empresa e apanhou até, de supetão, os velhos Sábios.

Sem esperar por tal, mais cépticas, duas ou três famílias, incluindo um bebé de colo, reuniram uns poucos haveres: uma cabra, um núcleo de sílex, uma enxó de cortar lenha, uma taça e uma faca de gume lascado, que acondicionaram em cestos de ombro, e partiram. Partiram rumo a Sudeste. Antes, porém, visitaram o Quarto Vazio; vazio dos espíritos que animaram os defuntos em vida e que habitam, quiçá a alma ou a mente dos vivos? Ainda guarida e bastião; último consolo e recurso? Já tudo era obscuro! Fosse como fosse, ofereceram a essa entidade um precioso cilindro, a única joia que realmente possuíam; precioso porque trabalhado, ainda que toscamente, por mãos infantis, onde se inscrevera a própria criança, como que reclamando a sua presença nesse elo intergeracional. E o menino, como todos, seria o futuro, como queriam acreditar... Uma dádiva emocionada, simultaneamente um voto, um compromisso, uma promessa.

E depois, essa palavra tão ambígua e angustiante: *até sempre!*....



Quando, finalmente o Conselho dos Sábios convocou o conjunto da trintena e meia dos cabeça de família para serem porta-vozes da sua decisão à comunidade, sobre o envio de dois emissários em busca de auxílio, fosse qual fosse, viesse de onde viesse, implicasse o que implicasse... já a população, em algazarra, se aproximava, arrastando atrás de si um potro branco, várias braças de lenha e duas rudes taças de calcário arranjadas à pressa numa queijaria e, à sua frente, empurrado, atónito, subjogado, o velho Feiticeiro.

Os emissários, criteriosamente escolhidos pela sua reputação de coragem, sensatez e lealdade, nem novos, nem velhos, pertenciam à antiga linhagem dos guerreiros, embora na sua geração não tivessem protagonizado mais do que algumas escaramuças fronteiriças. No entanto, na memória da história comum, os avós dos seus avós teriam re-

chacado uma tentativa de invasão do Penedo da Lua por parte de um povo vindo do mar. Seriam portadores, na sua jornada, das alabardas, peças emprestadas pela exposição da Casa da Roca, encimando, orgulhosas, duas lanças que serviriam agora, simultaneamente, de bordão. Um objecto de grande significado, quer por constituir um esmeraldo trabalho de granito polido, quer, principalmente, por servir de divisa do clã e estandarte do pomposo *estado de guerra*, quando a diplomacia falha, é comprometida a honra ou se rompem em catadupa os laços da confiança. Por vezes, ainda que raramente, coadjuvavam o Feiticeiro nas suas encenações.

O Velho não esteve presente no Conselho Clânico, no rés-do-chão da Casa da Roca, por acordo sobre a vantagem de servir, nesse dia, ele, melhor o povo, e de o conter, enquanto Feiticeiro, do que como líder. O grupo dos Sábios foi, portanto, composto pelo número ímpar de três elementos; um cenário, sem dúvida ideal, para o Ferreiro, que conseguiu fazer valer a sua proposta.

A população, sublevada já contra o destino e pelas tibiezas e bizarras, invade a Casa da Roca, remexe-a e rouba a valiosa e antiquíssima árula, o pequeno altar, perante a impotência dos velhos, num processo em que a força das recônditas dinâmicas abafa o medo do castigo. O castigo expectável por parte da alma hibernada de tão sagrada e antiga alfaia litúrgica; e que pertenceu, provavelmente, àqueles antepassados meio-selvagens que só comiam o que caçavam, pois que não se lhes conheceu rasto de pasto nem leira. Pelo menos era esta a versão dos próprios Sábios dobre a rugosa pedra.

Os Chefes referiram a opção de dispensar o Feiticeiro, de modo subtil, quando falaram laconicamente aos presentes no terreiro: «Em tempos de crise, como a que vivemos, é necessária toda a sabedoria, toda a cautela e toda a confiança. E então agir. Aqueles, de entre nós, que conseguem operar os processos que governam a nossa vida são bem-vindos; cada um à sua maneira». Era ambíguo, vazio e desconcertantemente curto.

O *altar* era manifestamente pequeno demais para deitar o animal; o dócil potro que parecia adivinhar o fim e conformar-se com essa sorte; pelo que a turba decidiu pô-lo directamente sobre a pira. Mas, para não deixar de conferir à cerimónia a necessária solenidade, colocaram a pedra junto à cabeça, apondo-lhe um pano e as duas rudes taças de rebordo, destinadas usualmente à confecção das já famosas queijadas de requeijão.

Conduziram o Feiticeiro àquele que acharam ser o seu lugar no acto que nunca presenciaram, como se de um sacerdote de tempos que ninguém recorda, ou de outros povos, se tratasse. Recusavam-se a ser nómadas perdidos, ou escravos de outras gentes.

Ao Feiticeiro não foi difícil encarnar este novo papel; para além de tudo o mais, também era mestre na arte de representar e metamorfosear-se. Exigiu estopa, maço, lâmina polida e de concha, um prato de cerâmica, uma pedra de descarçoar lã e fio de fuso. A população atropelou-se, zangada e impaciente pelo atender dos seus caprichos. Mas o Xamã ganhava tempo; olhos fechados, imperceptivelmente ofegante e desconfortável, invocando a benevolência dos espíritos e enumerando os antepassados: *Pais, perdoem-lhes; eles não sabem o que fazem.*

Quando toda a parafernália chegou, o eleito sacerdote sacudiu o torpor. Fez-se um silêncio pasmoso entre a assistência: o cabelo do velho, ainda há momentos grisalho, embranquecera totalmente, ou então reverberou mais nele, o Sol, a sua intensidade. Seja como for, as suas mãos foram firmes e competentes; sob o toque do Mestre, o cavalo adormeceu, como que hipnotizado, com os olhos meigos, castanhos, muito abertos, difíceis de suportar. Seguidamente o oficiante rasgou-lhe a veia jugular e fez correr para as duas taças o sangue quente e borbulhante. Com uma delas aspergiu o solo sequioso do terreiro; a outra, entregou-a ao seu discípulo, dizendo: *Tomem, este é o vosso sangue, entregue por vós.*

A criança ajudou o Velho a escalar o potro com a mesma lâmina mortífera; e com o auxílio do raspador de concha, depressa o Velho lhe extraiu o fígado, que ergueu, em seguida, na mão direita, à vista de todos, qual troféu terrível, ominoso. Colocou-o no grande prato cerâmico encastado, onde o esfregou diligentemente com uma solução de urze. Por fim, retirou três cabelos brancos da crina do cavalo, que colocou sobre a pedra chata e furada, a que adicionou três punhados de estopa e que fez incendiar através de um processo desconhecido: batendo-a com uma massa de pedra. O nicho assim formado, onde bailava a chamazita soprada na concha das suas mãos, consumiu-se, de súbito num enorme e espectacular fogo preso, que teve o condão de fazer recuar a turba. Quando as fórmulas seguras do Feiticeiro o domesticaram, o fogo quedou-se, razoável, sobre o prato. Volutas de um fumo acre elevaram-se acima da Casa de Roca, onde a brisa, vinda do areal dos frutos verdes e vermelhos, que ninguém transpõe, a levavam em direcção ao Quarto Vazio.

O Velho cortou o fígado longitudinalmente, como se preparasse uma isca familiar. E, de facto, perante a incredulidade geral, introduziu em sulcos, a artemísia, o fruto do loureiro e o lírio branco, pois que haviam sido colhidos sob a influência de Marte; e de seguida, suturou o conjunto. Ordenou, então, mel de rosmaninho; ao que ocorreu, pron-

tamente e graciosa, a formosa jovem do cabelo iridescente como raios de luz. Impávido, preparava o churrasco.

Gente houve que se rebelou perante a afronta e, exaltados, vociferaram que o Velho não passava de um charlatão, que zombava do povo e da sua sina, que devia ser bandido de vez do Conselho dos Veneráveis e do conluio com o Ferreiro e remeter-se a tratar das feridas, fracturas e febres. O que a população havia encomendado eram respostas urgentes, pendentes, soluções! Mas ao Xamã, professor e guardião clarividente, afeiçoado à persuasão e ao alheamento deste mundo, não foi difícil pôr os recalcitrantes a saborear o petisco. Consumiu-se, pois, o holocausto. Absteve-se de comer, e entendeu proferir umas palavras; enigmático, sucinto e evasivo, como um oráculo: *A refeição do sacrifício e o sangue que pisaram fortaleceu-vos e iluminou-vos. Agora ser-vos-á fácil encontrar a resposta dentro de vós. Tal foi a promessa dos vossos antigos deuses.* O povo dispersou, resmungando, cabisbaixo, envergonhado.



Os dois candidatos a heróis haviam já partido, sem bênção, sem festa, sem alegria; ao contrário do seu primeiro ancestral que, embrenhando-se na floresta virgem, perseguiu o raio, trazendo às famílias a primeira acha de fogo da História, que domesticou a noite, cozinhou a carne e afastou o lobo e a víbora.

Levavam na alma a sombra e a centelha, e nos alforjes, um pouco de carne fumada, castanhas piladas, tão duras como a última broa, alguns figos secos e duas rações de água. E não havia desta, mas musgo seco, na pequena bica das Açucenas, uma das fronteiras do mundo conhecido. Ao segundo dia avistaram a Pedra Amarela, como ficou, desde então, baptizada pelos efeitos do Sol poente na anfractuosidade calcária.

Exceptuando certamente o amalucado e enigmático Feiticeiro e um ou outro pastor, certamente mudo, em busca de gado tresmalhado, os pasmados emissários devem ter sido os primeiros, entre os seus, a distinguir o monumento. À distância de passos, inseguros, pejados de silvas, como que propositadamente desencorajadores, erguia-se a construção. Erigida com robustas lajes, solidamente dispostas e provida de um tecto regular, o conjunto transmitia uma sensação de solidez, refinamento e cuidado, que o Quarto Vazio não possuía. Mas o mais espantoso, não imediatamente perceptível, porque virado a Sudeste, era o túnel, de construção similar, mas em corredor baixo e estreito.

to, com meia dúzia de passos de comprido e que conduzia a luz até ao recinto principal do solo sagrado.

Os dois homens pesaram prós e contras de qualquer reacção que os arrancasse da rocha onde descansaram, trincando figos secos em silêncio. Só as gralhas volteavam, como presságios. No entanto eles vinham por bem, de coração puro; nenhum espírito se indisporia. *Ser-vos-á fácil descobrir a resposta dentro de vós.* Talvez para não se sentirem sós, mais do que por qualquer outra razão, juntaram os seus, aos passos da gineta e que conduziam à porta da câmara, agachados, de alabarda em riste. O disco de pedra estava arredado. Entraram, semicerrando os olhos, para se adaptarem melhor à escuridão. Vislumbraram nitidamente, ao fundo, um enorme paralelepípedo, sobre o qual pontuavam, mais bizarros ou mais familiares, alguns objectos. O chão, esse, estava revolvido, pejado de ossadas e de oferendas em cacos... Não tinham tempo a perder com mortos alheios. Era já tarde! Mas, mesmo assim, num rebate de humana solidariedade, procuraram tapar cadáveres e oferendas com o mínimo de dignidade e resolveram oferecer como libação reverente a estes homens e a este recinto, o resto da sua água. Talvez o tenham apenas pressentido, mas propiciavam e aplacavam. Atrás de si, fecharam o círculo de pedra, no intuito de dificultar o acesso aos predadores necrófagos.

Antes de retomarem o espinhoso caminho, cuja circundante beleza não estavam preparados para fruir, toparam com uma cegonha, recém-construída e recém-abandonada. Bestas de enormes cornos, com cordames intactos, apresentavam ainda alguma carne junto aos ossos.



A atraente donzela do pente de luz decidiu-se, por fim. E com uma garota pela mão, como quem passeia por um jardim, ou desliza ao sabor da brisa, dirigiu os seus passos à Casa do Fogo. E bateu à porta; na verdade, um sólido portão de carvalho, que quase não acusou a sua mão de princesa; para mais, um gesto pueril, já que o interior do edifício retumbava de modo impressionante. Assim sendo, escolheu um calhau que lhe pareceu adequado para esse fim e, depois de o limpar no seu fino vestido, arremessou-o à gelosia frontal, com quanta força tinha. O tonitruar cessou de imediato, e assomou à janela a cara suada do Ferreiro.

- Podemos entrar?

- Isto está um pouco desarrumado... Mas sim, acho que sim.

Passou algum tempo até que se abrissem as portadas.

- Impressionante! Então é isto a sua oficina?

- Bem, minha senhora, por enquanto não; mas há-de ser... se aprouver aos espíritos da natureza. Por enquanto é mais um laboratório, digamos assim.

A criança correu a brincar com um fole, onde, por cujo tubo, resolveu, por fim, soprar; indignando-se pelo facto da engenhoca não produzir qualquer melodia.

- É segredo? Quero dizer, isto é... É um local que mantém segredo... Mas, desculpe, estou a ser indiscreta, e talvez esteja enganada.

- Não está. Não está a ser indiscreta e não está enganada. O que se passa é que estou a tentar criar um novo material a partir da pedra. Não pode ser feito ao ar-livre e, além do mais, ninguém o compreenderia ou levaria a sério. É tudo.

- Agradeço-lhe imenso a gentileza e a sinceridade. Eu só queria perceber. Desejo-lhe, do coração, toda a sorte e todo o auxílio dos nossos bons espíritos.

Chamou a criança e preparou-se para sair. Mas o Ferreiro, talvez com inadvertida firmeza, pediu-lhe:

- Não vá já!

- Eu... É já é tarde, e...

- Não vá já. Porque tenho algo que quero oferecer-lhe.

- Sim?...

- Uma coisa que fabriquei com as minhas próprias mãos e de que me orgulho. Espero que goste. Alguma vez viu um porco?

- Claro que sim... Mas não entendo!...

E o homem foi buscar um pequeno porco feito de barro cozido. Era perfeito; na verdade, mais uma vasilha, feita sem roda de oleiro, com a forma e os detalhes do animal doméstico. Estendeu-lho, qual primícia a divindade:

- Viu? Pode guardar nele o pente e outras joias.

- É... É lindo! Mas vou guardá-lo, à espera de um bocadinho dessa nova matéria que o senhor há-de conseguir.

- Muito bem. Não sabe o alento que me dá!

Em seguida pegou na criança, erguendo-a acima da cabeça, para lhe satisfazer a curiosidade e a sede. Durante o breve aperto de mão, o olhar que trocaram durou uma fracção da eternidade.

A um passo de transpor a soleira da noite, a jovem recuou, encostando-se à madeira maciça. O vestido colado ao corpo pela transpiração, deixava já antever as formas divinas da mulher que despontava. A sua tez tomara a cor da cera e os olhos cândidos e profundos, verteram-se numa voz quase em surdina:

- Haverá futuro?

- Prometo-lho!



Mas o povo saíra à rua! Os representantes do clã das armas e da caça e o dos pastores decidiram chamar, com carácter de urgência, os outros dois líderes: o dos artífices e o dos xamãs. Reuniram mesmo na praça pública, o terreiro do mercado, rodeados de um súbito baixar do costumeiro ruído geral. Era quase um silêncio; ansioso, expectante. Os três primeiros sussurraram uns instantes, anuindo com a cabeça. Aproximaram-se do Feiticeiro e comunicaram-lhe, por fim, numa voz suficientemente audível para que também o povo os escutasse: *Os teus espíritos privaram-nos da água, a seiva da vida, e não entendemos o porquê. Devolve-no-la! E atenta nesta gente que se arrasta. Não lhes exijas grandes celebrações.* Os aldeãos perceberam bem a ameaça nas entrelinhas: poderás ser convidado ao degredo! Mas, para além de uma certa injustiça, eles excediam-se, parecendo ignorar que, desse modo, atrairiam ainda mais a ira sobre as suas cabeças!

No nó cego das vidas, atropelavam-se, em labirintos, a sensatez e a infâmia.

No entanto, o Xamã, sábio das coisas humanas, não sentiu mais peso, naquele momento, por parte dos vivos, do que aquele que os espíritos lhe haviam colocado sobre os ombros, sobretudo os ausentes. Em nome destes homens, aqui e agora, *o meu reino não é deste mundo.*

Auxiliado pelo aprendiz, que acorrera, abriu caminho até à Casa da Roca e, com decisão procurou dois objectos, talvez os mais preciosos de entre todos os conservados em reserva. Provavelmente tudo estava mal. Submundo e cosmos virados do avesso!

O Sol parara de dardejar sobre uma terra impiedosamente ressequida. Em breve descansaria para os lados da pedra onde a mulher teimosa foi transformada em Ursa.

O ceptro de pedra da cor do mais puro ébano, com o punho perfeito e cabeça em forma de pinha, finamente trabalhada com serpentes, um objecto lindíssimo, herdado ao longo de incontáveis gerações, sem que se-lhe conhecesse autor, foi-se tornando, para o seu portador, a materialização da honorabilidade e respeitabilidade, principalmente numa terra conquistada à víbora. Empunhado pelo líder em exercício, representava a lide-

rança de toda a comunidade durante as festividades mais importantes e as raras recepções solenes.

O segundo objecto foi mais fácil de encontrar, equilibrado numa saliência do xisto da parede, como que presidia, por vezes, qual ícone à memória, às assembleias e audiências. Tratava-se de um báculo, também de xisto, mas mais claro, originariamente, talvez fruto da ociosidade ou vaidade de um primeiro guardador de gado. Mas a sua importância na Grande Casa não residia principalmente aí. Este estranho artefacto, achatado, de extremidade curva e de desproporcionadas dimensões para encastoamento de cajado, tinha, não obstante, uma utilidade prática: servia, como ainda serve, para inscrever, sob a forma de traços, o número de famílias, suas linhagens e demais relações de parentesco. De modo que, não podendo comportar as pessoas, individualmente, a família a que se pertence, por laços de sangue ou de aliança, está, com certeza, aí assinalada. Por exemplo, o Ferreiro e a criancita que, naquela noite o visitou, ainda primos afastados, tinham as suas respectivas famílias unidas por dois traços paralelos, atravessados por um outro, obliquamente. Era um rendilhado minucioso e colossal, que produzia um padrão único. Mantinha-se, o escrivão, no anonimato.

O velho foi resumindo isto ao deus discípulo, enquanto o povo, maldispuesto, abria caminho à sua passagem. O Filho da Lua achou que ambos os objectos significavam coisas parecidas: que o usuário do ceptro era simultaneamente o *pastor* da sua comunidade.



Os dois *guerreiros* descobriram, com a maior estupefacção, e não menor calafrio, que as ruínas do minúsculo povoado eram, não só recentes, como propositadas. E que as maiores pedras só poderiam ter sido roladas, voluntariamente, montanha abaixo.

Enveredaram por esse trilhos sulcados no mato, na orla de um bosque como que incinerado, uma velha cicatriz de queimadura sobre a pele. Chegados ao sopé da Serra, o tojo e as silvas haviam apagado vestígios de êxodo. Resolveram, pois, seguir a intuição, e rumaram a destino incerto, algures entre o Sul e o Oriente.

Quase ao final do dia, sequiosos e exaustos, vislumbraram, nitidamente, fumo. E aproximando-se mais, no lusco-fusco, uma enorme azáfama: esticar de tendas, construção de abrigos e cercas e, sobretudo, o mais estranho, o erguer de pequenos muros em

torno de todo este núcleo. Não seria a melhor altura para se apresentarem, tão-pouco se sentiam com a melhor das aparências; mas não tinham alternativa.

As famílias que tinham abandonado o Monte da Lua, dias antes, com o bebé de colo e a roupa do corpo, vieram cumprimenta-los, não tão efusivamente como gostariam, por algum receio e sobretudo pela vergonha, esse nó, esse sentimento agudo da deserção. Mas foram eles que estabeleceram o contacto com o líder da comunidade. Este era um homem ainda novo, de olhar intenso, onde um sorriso atenuava um rosto aquilino, pouco usual. Recebeu-os sem cerimónia ou insígnia, ali, de pé, limpando as mãos ao avental de velino.

O céu nocturno apresentava-se baixo, cinza-escuro, carregado de humidade. O chefe sabia bem ao que vinham, e o seu sorriso reflectiu laivos de indisfarçável ironia, mas logo endureceu o seu semblante. Vinham sondar este povo, ou explorar as suas fraquezas, no intuito de se reunirem todos às famílias que lhes pediram asilo. Invadi-los-iam, assimilá-los-iam, usariam as suas mulheres, imporiam os seus usos e costumes, espíritos de lá e de cá poderiam incompatibilizar-se, ocupariam com os seus, o seu monumento, partilhariam os recursos, quem sabe, de novo, até à seca e à sede... Trariam, pois, o estigma da desgraça e da maldição.

O líder despediu-se, cordial, mas definitivamente, sem ter havido, sequer lugar, a qualquer troca de palavras. Retirou-se, apenas. Mas uma mão firme de um dos emissários no seu ombro, interrompeu-lhe o passo e obrigou-o a voltar-se. Explicaram-lhe pacientemente a sua verdadeira intenção e tentaram tranquiliza-lo quanto aos receios que adivinhavam. Queriam, tão só, saber o que faziam para que sobre as suas cabeças os espíritos da chuva fossem generosos. Como o conseguiam? Resumiam a isso o seu interesse e o auxílio pretendido.

O chefe, com um sorriso mais aberto e gesto breve, chamou à sua presença um homem de meia-idade, que transportava num cesto uma série de medicamentos naturais. Finalmente sentaram-se, os quatro, sob uma tenda iluminada e à volta de um jarro de refrescante e adocicado leite coalhado.

O Curandeiro disse: É preciso não descurar os mortos, os seus ensinamentos, a sua vontade. A fertilidade que faz o centeio crescer e a vaca dar leite é a mesma que faz a mulher engravidar e os seus filhos medrar. A água que corre no ribeiro é irmã da semente do homem, para que, também este se renove à face da terra. Derivam dos mesmos primeiros espíritos que ditaram as leis deste Universo e que os nossos antepassados bem compreendiam e viviam sem perturbar.

Seguidamente usou o chefe da palavra: Temos uma proposta irrecusável para vos propor, uma troca: vocês trazem-nos duas virgens, jovens e casadouras, para que vivam entre nós. E quando elas engravidarem choverá sobre a vossa aldeia. Digam isso ao vosso líder. Como penhor da nossa boa-vontade, aceitem este valioso osso esculpido e que vos ajudará na vossa jornada de regresso, pois transporta consigo a força sobre-humana do cavalo. Apressem-se; não tarda mais uma nova lua cheia!

E deu a audiência por terminada.



O eclipse total da lua não apanhou o Velho de surpresa. Contemplara o fenómeno uma dúzia de vezes desde a sua iniciação. Intuíra, até, a sua causa e a sua frequência. Ciclicamente, o espírito do Sol e os da terra reúnem esforços para a erradicar do firmamento. Desta vez, porém, percorreu o Xamã um arrepio. Ou teriam aqueles conseguido os seus intentos, vencendo-a finalmente; ou, por outro lado, ela cessava assim, de modo definitivo, a sua aliança eterna com o Xamã e, deste modo, o compromisso celebrado com o povo; o povo que habitava o altaneiro Penedo e que adoptara, desde o início dos tempos, o seu nome. Neste caso tratava-se de um sinal!... Como aplacá-la, desagrar a sua zanga, seduzi-la? Seguramente só os mortos, através dos espíritos, os mais sabedores de entre todo o povo, teriam esse poder e essa vontade... A não ser que tivessem, também eles, inapelavelmente, abandonado os vivos!

Um punhado de homens, entre os quais os outros líderes, o Filho da Lua e ainda alguns, mais curiosos ou zangados, permaneciam no terreiro ao cimo da vereda, a umas centenas de passos do Quarto Vazio, dominando a custo a ansiedade, sem ousar aproximar-se, tal como o Velho lhes exigiu. Assistiram ao demorado e opaco velar da luz da noite, de alma igualmente sombria, sem trocar palavra, vivendo sentimentos opostos: pressentindo a desgraça iminente ou, por outro lado, antevendo a bem-sucedida operação do seu tresloucado e imprevisível Feiticeiro.

Mas este estava apenas a começar a trabalhar. Exumava diligentemente a primeira camada de ossadas. De um lado, as do seu antecessor; do outro, as do mais vetusto dos últimos chefes clânicos; deixando, por ora, os bebés e os nados-mortos. Ao primeiro ofereceu o poderoso e terrível ceptro de pinha; e ao segundo, o enigmático báculo, indelevelmente gravado com o seu povo. Como que de propósito para o angustiar e

atrasar, ao retirar este último de junto ao peito, deixou-o cair no chão pedregoso, fracturando-o; pelo que teve de o reconstituir com o auxílio de barro improvisado, obliterando, porém, duas ou três famílias. A seguir aspergiu os mortos com água de malvas e azeite de candeias e ajeitou os esqueletos a seu modo. Junto aos restos mortais do pai, enterrou ainda o presente da lua em repouso, gravada, aquele revelado junto ao Filho da Lua, na floresta, pelos raios da luz coada.

Após estas demoradas operações, acendeu o lume. O lume que aquece os defuntos, afasta os espíritos nefastos e atrai a atenção dos bons. E mantém-se de cócoras, alheado do tempo, para desespero da assistência, de tudo ignorante, e recitava ladainhas do clã, enquanto alimentava o fogo, maquinalmente, como se hipnotizado ou sonambulando.



O osso esculpido da pata do super-cavalo, e os seus novos fiéis depositários, avisavam já, ofegantes, o Penedo da Lua. E também o fumo, volteando no ponto mais alto da Serra, que a brisa da madrugada dispersava em todas as direcções.

A sua chegada provocou o alarido geral, e para o ajuntamento bastou um instante. Os nervos bailam na pele num povoado já desorganizado, desfasado dos ritmos naturais e das rotinas, dividido nas suas lealdades e onde despontavam, até, impensáveis laivos de individualismo e agressividade latente. Onde o quotidiano quase se resumia a evitar o calor, procurar fios da fonte da vida, redefinir dietas, passos, palavras... E, sobretudo, esperar! Esperar... esperar...!

*Quem espera, desespera!*, sentenciavam as velhas. Os aldeãos submergiram-nos. Só a custo, os três anciãos conseguiram aproximar-se dos recém-chegados e ouvi-los. Resumiram a empresa, com as incríveis descobertas, balbuciam algo sobre antepassados e fertilidade, mas, sobretudo, comunicaram a proposta do estranho líder da aldeia, onde o tempo ameaçava chuva. Alguns quedaram-se estarecidos, outros entusiasmados, outros desconfiados, outros ainda, tudo ao mesmo tempo, presas da ambivalência, cogitando até uma invasão ao novo povoado do vale, contemplando, para uns, ou não tanto, para outros, a aniquilação daquela gente.

Os Velhos, apostavam em todas as frentes e, aliviados pela abstenção do Feiticeiro, assim liberto para as suas *vias*, mandaram apresentar-se no terreiro da Casa da Roca,

logo pela manhã, pelo menos duas raparigas que preenchessem os requisitos exigidos, e acompanhadas pelos pais. Pretendiam-se ainda os devidos atavios e o mínimo de bagagem possível. Levariam uma escolta que conferisse ao *doloroso e abnegado acto* alguma dignidade.

Houve esperança, indignação, azáfama, altercação e luto.

Faltava um dia e uma noite.



O Xamã não vacilou. Não havia tempo! Corre à Casa do Fogo, transportando nas mãos um punhado de argila seca e pediu ao Ferreiro que lhe extraísse o minério e o misturasse com um pouco de gordura e urina. Encomendou-lhe igualmente duas ametistas incandescentes. Enquanto o primeiro preparado secava e as labaredas lambiam as gemas, voou a convencer os membros do clã dos guerreiros a que se lhe juntassem, com os seus trajes e as suas alfaias: as suas máscaras, os seus tambores... Arrastando o miúdo pela mão, tratou de ir colher a raiz do cogumelo tricolor, o suco fermentado do medronheiro e a nervura do raríssimo feto-folha-de-hera.

O Ferreiro, no pequeno almofariz, grosseiramente polido em pedra plana, que o desgaste provocado pelo grão do trigo selvagem, tinha tornado côncavo ao centro, e com a ajuda do maneirinho pilão de pedra mole, depressa reduziu a pó o nódulo de ocre; este, já de si, uma bonita coisa, algo baça, mas, ainda assim, sugerindo reflexos opalinos. Pó da cor do sangue; do sangue que é vida; do sangue que é morte. Retirou, em seguida, as ametistas do grande forno de barro.

O Xamã passou ainda, no limiar da aldeia pela sua própria humilde e despojada casa, a buscar o adufe, de pele e chocalhos, que só nas suas mãos soava bem, ao ritmo de litánias roucas. Num ápice, trocou a túnica *cor-de-burro-quando-foge*, como lhe chamavam os jovens irreverentes, pelos paramentos do pai, mais adequados a um ofício que se adivinhava de envergadura; e mais propiciadores, também, tal como uma segunda pele.

Tudo e todos se conjugaram, como as constelações do céu, para estarem reunidos e prontos a meio do ciclo da noite, junto ao Quarto Vazio. Ali, onde o sonho vagueia e os passos se perdem.

O Velho varria espavorosamente, com uma vassoura propícia, o perímetro do recinto, de modo a afastar os espíritos nefastos. Aspergia e pintava, com o sangue de ocre, o umbral da porta da Casa dos Mortos, marcando, de igual modo, o seu próprio corpo. Os tambores começaram, por sua vez, a soar, em uníssono, em crescendo, em redor do Feiticeiro, do fogo e do próprio monumento, conferindo ao todo atinências que mais pareciam sobrenaturais.

Quando ingurgitou a pasta verde que triturou e amaçou na palma da mão e empunhou o seu antiquíssimo adufe, todos os outros instrumentos musicais se foram calando, como que cedendo o protagonismo ao solo, embora os seus possuidores continuassem a cantar e a dançar. O Xamã chamava a si uma agilidade inaudita, extraindo sons ao objecto, a partir de todos os membros do seu corpo, como se de um boneco gigante e desarticulado, quase desmembrado, se tratasse.

No momento em que, inevitavelmente, caiu ao chão, começaram os espasmos e as convulsões. Longe de ser socorrido, a dúzia de tambores evoluíram freneticamente, em rodopio, à sua volta, troando, fantástica, loucamente, como nunca... Então as fisionomias humanas deram lugar às máscaras; tenebrosas, medonhas e sombrias como espectros; e iluminaram-se os archotes de resinas e os incensos nobres. Uma coreografia de guerra, instigando uma Irmandade fantástica contra o Mal.

O Ferreiro e o Filho da Lua aproximaram-se do Xamã. Este ainda logrou balbuciar ao primeiro: «troca os meus olhos pelas ametistas incandescentes que te encomendei, para que eu veja»; e ao segundo, num fio de voz: «prepara-te para seres um bom xamã e, sobretudo, um bom homem; desta vez posso não ter forças para voltar». Ainda quis dizer-lhe que, se não lograsse demover a lua, iria combater os espíritos da sede. E que o faria qual ave flamejante renascida da terra queimada, de numerosos atributos e, ainda, com a ajuda de espíritos auxiliares dos veneráveis antepassados, com quem entrara em contacto há pouco, a quem devolvera as devidas insígnias e alertara para o sofrimento do seu povo: a venenosa víbora cornuda e o insidioso musaranho de dentes vermelhos.

E muito mais queria dizer ao órfão, que poderia, para mais, ser privado da sua iniciação... Mas as convulsões sincopadas do seu velho corpo ao ritmo da música lancinante, já não o permitiram. Quedou-se num estupor doloroso e longo; e quando, involuntariamente, cuspiu, nasciam fascicularias em flor, com pétalas como punhais rubros, que pareciam participar, também elas, de uma dança macabra.

O Xamã imobilizou-se, por fim. E todos os dançarinos, inopinadamente vítimas de força invisível, foram violentamente projectados, uns bon passos para trás. O fogo

vivo dos madeiros apagou-se, de súbito, tal como os archotes, a lavanda e o jasmim. E o silêncio e a treva reinaram; profundos, avassaladores, e puros. O Xamã estava a sós com os mortos, talvez com o firmamento e o submundo, também. Quem sabe o que os uniria, ou apartaria?

A coberto da noite das noites, as flores, também elas, tingiam-se de um preto brilhante, da cor do fundo das cavernas pintadas pelos primeiros conhecedores dos Mistérios, à medida que a boca do Xamã se entreabria para exsudar esse carvão vegetal...

Subitamente, dessa mesma boca exangue, uma prodigiosa labareda irrompe. E se eleva, iluminando a noite e projectando-se em direcção aos céus. Este fogo, enorme e etéreo, galga os níveis do cosmos com pasmosa desenvoltura e volteia, vezes sem conta, ao redor da lua, por vezes depressa, outras mais devagar e tomando sempre formas diferentes. Enquanto isto, dois minúsculos animais riscam incessantemente o firmamento de ónix, como raios zigzagueantes, ou dançando, em apertada malha, à volta de pontos invisíveis.



A aldeia acordou cedo, em silêncio, exausta, suja, na aurora depurada, que adivinhava mais um céu duro como diamante. Perante a presença de quase todo o povo, uma jovem, em pranto, era arrastada pelo pai até à presença dos três líderes; implorava-lhe que a poupasse ao degredo; mas este contrapunha que o poupasse, ela, ao vexame, e invocava a honra da família; até que, fora de si, lhe bateu. Quedou-se ali, a jovem, no terreiro, ajoelhada, molhando com as suas lágrimas a terra ressequida.

Outra formosa rapariga aproximou-se dos velhos e tentou comprar a sua liberdade oferecendo-lhes o mais precioso objecto da sua casa: uma plaquinha de xisto, em forma muito estilizada de torço humano e gravada com agradáveis motivos geométricos; tão preciosa que constituíra desde sempre o dote das mulheres da família e, em retorno, a compra das noivas; além disso, ela era, comprovadamente, o único sustento de uma mãe viúva.

Enquanto isto, saída do nada, adiantou-se uma jovem, diáfana e altiva, vestindo de um branco imaculado, cingido no peito e na cintura. No cabelo, comprido e solto, uma coroa de azevinho, salpicado, ainda, das selvagens bagas, contrastando com a tez, pálida de luar. Os seus olhos, estranhamente ausentes, eram quase assustadores, e sustentaram

os dos Veneráveis. Como haveres, transportava apenas, debaixo do braço, uma vasilha em forma de porquinho. O Ferreiro estremeceu de comoção. Quis que tudo fosse um sonho; levá-la dali nos seus braços; transportá-la *nas asas do desejo*, em vez de permitir que a escravizassem naquele fim do mundo. Quase não conseguiu reprimir um soluço. Mas não cederia a conflitos entre o coração e a razão. A sua lealdade era para com o povo. E assim, mortificado, mas com igual dignidade, aceitou o supremo sacrifício da jovem.

Numa espécie de plinto improvisado no terreiro, erguia-se, nessa manhã, um objecto cónico, grande, pétreo, rude, polido por abrasão. Pretendia, obviamente, representar o órgão viril do homem; o seu poder. A um sinal inequívoco do Conselho, as jovens tomaram-no entre mãos e beijaram-no, restituindo-o ao seu lugar. Bem sabiam que lhes traria a sorte que delas esperava um povo inteiro. E ali se quedou a pedra, apontando o vazio, como um pelourinho mudo, deixado cair no centro do seu pequeno mundo.

Arrearam três pilecas moribundas e reforçaram, dentro do possível, os mantimentos, e ainda, as solas das sandálias dos embaixadores.



O astro da noite ainda era visível, na sua eterna e fútil perseguição ao astro-rei. O fogo sobre-humano e os ziguezagues fluorescentes no céu haviam findado, com a noite.

Perante o olhar atónito e impotente do miúdo, o coração do Feiticeiro cessara de bater, e o seu peito de proferir ou sorver o ar. Não se tratava já das partidas com que, outrora, o Xamã assustava a sua assistência; nem, evidentemente, de um caso normal. Não. O espírito, o sopro vital do seu velho Mestre não voltou... E não voltaria.

No corpo frágil e frio do Xamã, só as ametistas pareciam ter vida... para que ele visse, além da morte.

Nesse preciso momento o Penedo da Lua foi violentamente sacudido. De tal forma, que as lajes da Casa dos Mortos se moveram, estrepitosas, como que reajustando-se; para sempre. E o povo tremeu, também.

O firmamento fendeu-se, de súbito, com assombroso estrondo, sorvendo uma luz imensa, ofuscante, avassaladora...

E choveu! Choveu de modo torrencial, sobre tudo e sobre todos.

Chovia sobre o Penedo da Lua!

## **EPÍLOGO**

Novos sucederam a Velhos na Casa da Roca. Mas esta continuou a incorporar os seus tesouros, como um osso de cavalo-alado e, por doação, um belo pente de osso fi-

namente esculpido e uma tabuinha de xisto de forma humana, geometricamente decorada.

Desde esse dia os aldeãos, sem dúvida influenciados pelos oleiros, baptizaram as grandes chuvas como: *chover a cântaros*.

As queijadas tornaram-se célebres em toda a região serrana, através de um buliçoso comércio local.

O Filho da Lua foi adoptado pelo Ferreiro e pela mulher do cabelo de luz; pelo que o porquinho regressou ao seu lugar original.

Este chefe esculpiu para o novo Xamã uma peça esmerada, como ceptro recolector de poderes: uma pedra de grande dureza, quase imperceptivelmente ovalada, como a lua em repouso, da cor suave das rosas orvalhadas na neblina e entalhada com pequenos xamãs contemplando o céu.

Ao percorrerem, ambos, o caminho conducente à Casa dos Mortos, num dia dos *Fieis Defuntos*, depararam, junto à antiga fogueira, com fragmentos verdes, incrustados nas pedras calcinadas. Prontamente os recolheram. Desde esse dia passou a trabalhar-se na Casa do Fogo um novo material. Um material que haveria de mudar a face da História.



***A ciência moderna realmente deve estimular em todos nós  
uma humildade perante a imensidão do inexplorado  
e a tolerância por hipóteses malucas.***

Martin Gardner